



Eduarda Schmidt Pacífico Marques

*O Institute for Historical Review, Negacionismo e
Antissemitismo Contemporâneo*

Monografia apresentada à Graduação em História da PUC-Rio
como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em
História.

Orientador: Prof. Maurício Parada

Rio de Janeiro, 5 de julho de 2019

Agradecimentos

Gostaria de agradecer primeiro ao meu orientador, pela paciência em relação às minhas dúvidas e indecisões com o tema. Agradeço também à minha irmã, pelo suporte emocional; à minha terapeuta, sem a qual, eu não teria conseguido chegar ao fim da Graduação e à minha mãe, pelo exemplo de mulher.

Resumo e palavras-chave

Resumo: esta monografia apresenta a metodologia negacionista, a complexa rede de racismo na qual o *Institute for Historical Review* (IHR) está inserido, e um histórico do antissemitismo no mundo ocidental. Assim como a apresentação de sua versão contemporânea, que alimenta o Negacionismo e é divulgado pelo IHR. O trabalho busca apontar as conexões entre a negação do Holocausto, o IHR e o antissemitismo.

Palavras-chave: Antissemitismo, Negacionismo, Neonazismo, Supremacia Branca, Racismo.

Sumário

Introdução	p. 6
Capítulo 1	p. 8
Capítulo 2	p. 27
Capítulo 3	p. 36
Conclusão	p. 47
Bibliografia	p. 50

“Every denial of the Holocaust contains an appeal to repeat it.” – Matthias Kuntzel

Introdução

Este trabalho tem como objetivo o esclarecimento e o ensino sobre o que é o Negacionismo, como funciona e quem o pratica, assim como explicar como, o maior e mais bem organizado, instituto negacionista faz parte de uma rica rede antissemita nos Estados Unidos. O último capítulo ficou reservado para explicar o antissemitismo contemporâneo, o qual é disseminado pelos negacionistas.

O primeiro capítulo tem uma sessão inicial onde trago uma breve explicação sobre o significado do Holocausto e a importância de se manter sua memória viva, a qual, através da pesquisa que fiz, descobri ser muito frágil. Em seguida escolhi mostrar o caminho metodológico trilhado pelos negacionistas para disseminar suas mentiras de aparentemente legítima, ou seja, fingindo ser Academia.

O terceiro ponto abordando no capítulo é a História da Negação em si, onde começou, quem são os precursores e os autores de maior referência no movimento, procurei apresentar também como o Negacionismo evoluiu gradativamente de relativização dos fatos para a negação completa deles.

No segundo capítulo entre a fundo no *Institute for Historical Review* (IHR), procurando salientar, principalmente a rede editorial da qual ele faz parte. Conteí as histórias de seu fundador e integrantes, assim como também a história de seu atual diretor, Mark Weber e de suas declarações polêmicas sobre raça e 2ª Guerra Mundial. Há uma sessão separada no final do capítulo reservada para a reflexão sobre a escrita do passado e o Holocausto, visto que sua memória é tão perene.

O terceiro parágrafo discorro e apresento o antissemitismo que é espalhado por publicações como as do IHR e chamei-o de “antissemitismo contemporâneo”. É também nesta parte do trabalho que explico o caminho percorrido pelo imaginário antissemita de onde se origina a imagem degradante e preconceituosa do judeu, e onde ela se localiza dentro do antissemitismo de nossos dias.

Este último capítulo foi o que mais me ensinou. Encontrei respostas para perguntas que até então não sabia. O trabalho acabou sendo muito esclarecer e à medida que evoluía na pesquisa entendi o raciocínio que procurei explicar nas páginas que se seguem: o Negacionismo é parte do antissemitismo moderno e é

personificado na imagem do IHR, pois ele é exatamente aquilo que o movimento se propõe, ou pelo menos,

aparenta ser: uma propensa instituição acadêmica que divulga trabalhos de pseudo-história para a propagação de ódio e preconceito.

Em alguns momentos foi necessário voltar no tempo para que questões contemporâneas fossem esclarecidas. Foi o caminho que eu percorri durante a pesquisa, para que minhas questões fossem, de fato, respondidas. Percorri este mesmo caminho na hora de passar para as páginas da monografia os resultados que encontrei, considerei esta a melhor forma de explicar as descobertas que fiz.

Capítulo 1 Negacionismo

Este capítulo, além do significado do movimento Negacionista, apresentarei sua História e sua metodologia distorcida, para que se entenda a forma como este grupo trabalha e opera.

A negação do Holocausto ou Negacionismo é um movimento que vem acontecendo desde o pós-Guerra e representa o antissemitismo contemporâneo. Para falar de Negação é preciso falar de antissemitismo. Não coincidentemente, os negacionistas se identificam também com ideologias racistas e movimentos de supremacia branca.

Iniciado na França, suas crenças foram ganhando, com o tempo, adeptos na Inglaterra, Espanha, Canadá, Alemanha e Estados Unidos. Os negacionistas se autodenominam “revisonistas” e acreditam estar incentivando um questionamento e uma discussão acadêmica saudável. O que eles fazem, na verdade, é criam uma confusão acerca do tema Holocausto ao tentar passar uma aparência acadêmica. Segundo Deborah Lipstadt:

“A tentativa de negar o Holocausto apela para uma estratégia básica de distorção. A verdade mistura-se com mentiras, confundindo os leitores que não têm familiaridade com essa estratégia. Meias-verdades e fragmentos de histórias, as quais, oportunamente, evitam informações críticas, deixam o ouvinte com uma noção distorcida do que de fato aconteceu.”¹

De fato, para aqueles que pouco entendem o Holocausto, o Negacionismo traz argumentos com apelo para a dúvida. Até sua autodenominação “revisonista” dá credibilidade para a distorção histórica que defendem. Sob uma perspectiva historiográfica, o Negacionismo não é uma interpretação alternativa do evento. É uma construção ideológica com aparência histórica e, assim, não levanta questões para compreensão do Holocausto e suas consequências e incita dúvidas sobre os

¹ LIPSTADT, D. *Denying the Holocaust: the growing assault on truth and memory*. p. 02: “The attempt to deny the Holocaust enlists a basic strategy of distortion. Truth is mixed with absolute lies, confusing readers who are unfamiliar with the tactics of the deniers. Half-truths and story segments, which conveniently avoid critical information, leave the listener with a distorted impression of what really happened”.

fatos. Negacionistas constroem uma versão fictícia da História que traz consequências políticas. O Negacionismo pode ser vislumbrado como uma deformação historiográfica, uma vez que questiona fatos e distorce informações.

O perigo do Negacionismo e suas ideias reside no fato de que a aceitação de seus argumentos não depende de leitores críticos e faz parte de algo maior, uma ideologia política eficaz. Negacionistas compreendem que manipulações historiográficas e oposições ignorantes são armas de propaganda eficientes. Como analisa Luís Millman:

“Quando o imaginário e o ideológico assumem a dianteira de uma análise que se pretende racional, o discernimento acerca do próprio assunto em discussão se esvai; e, sem ele, métodos de pesquisa comparada, de investigação de fontes e análise das evidências propriamente ditas, tornam-se simplesmente inúteis.”²

Negacionistas ou negam ou relativizam os fatos do Holocausto. Alegam que judeus foram mortos, mas que este seria um crime de guerra tão grave como qualquer outro ou que os números oficiais mentem. Por trás da relativização existe uma banalização de cunho ideológico e uma indiferença moral. E isto ocorre devido ao distanciamento temporal da 2ª Guerra Mundial e o surgimento de plataformas políticas de extrema-direita ao longo das últimas décadas do século XX. Essa tentativa de deformação historiográfica é o que Deborah Lipstadt chama de agressão à memória do evento.

1.1: o significado do Holocausto

Para a compreensão da real importância e papel do Negacionismo na sociedade contemporânea é essencial entender o significado do Holocausto para a Humanidade. O tema tem forte apelo, porém, é pouco compreendido. Há uma imagem popular do Holocausto como tragédia judaica, o que o torna único, atípico e confortável. Mas ao estudar e entender a tentativa de extermínio praticada pelos nazistas é possível enxergar que ele foi mais do que a tragédia de um povo. O Holocausto, na verdade, nos mostra facetas humanas que não são fáceis de encarar e espelha um fracasso do uso dos meios de ação racional que a sociedade moderna e seu desenvolvimento fizeram surgir. Cito Bauman:

²MILLMAN, L. *Neonazismo, Negacionismo e Extremismo Político*, p. 155.

“Silencia-se, deixa-se de ouvir, mantém-se confinada a mensagem contida no Holocausto sobre nosso atual modo de vida – sobre a qualidade das instituições em que confiamos para nossa segurança, sobre a validade dos critérios com os quais medimos a adequação de nossa conduta e dos modelos de interação que consideramos e aceitamos como normais”³

O Holocausto foi pensado, produzido e executado por um Estado através de uma máquina burocrática racional muito bem organizada. Olhar para este evento como um produto aberrante de nossa sociedade, como um hiato na História é fechar-se para a observação do mundo e da sociedade onde ele foi perpetrado, e para a real possibilidade de que isso se repita. Em nenhum momento, o extermínio e sua execução entraram em conflito com a racionalidade. O Estado que foi capaz de realizar algo como este evento não se desmoronou, continua existindo com os mesmos valores éticos-morais da modernidade, valores estes compartilhados por todo o Ocidente. A civilização moderna e contemporânea não está longe do Holocausto.

Ele só foi possível justamente devido a existência dessa civilização moderna, unindo de forma primorosa a tecnologia de uma sociedade industrial com o aparato organizacional de uma sociedade burocrática.

Bauman considera o Holocausto testemunho do avanço da civilização:

“Foi um avanço, permitam acrescentar, em duplo sentido. O poderio industrial e o conhecimento tecnológico de que se gaba a nossa civilização galgaram novas altitudes com a Solução Final ao assumir com êxito uma tarefa de magnitude sem precedentes. Nesta mesma Solução Final nossa sociedade revelou-nos uma capacidade até então insuspeitada. Ensinamos a respeitar e admirar a eficiência técnica e o bom design, não podemos senão admitir que, na exaltação do progresso material trazido por nossa civilização, subestimamos gravemente o seu potencial”⁴

Primeiramente, é necessário lembrar que o aparato de destruição nazista era operado por um Estado e era descentralizado, dependendo de uma organização burocrática altamente eficiente. Os perpetradores eram todos aqueles que faziam essa “linha de montagem” administrativa funcionar. Essa organização burocrática

³ BAUMAN, Z. *Modernidade e Holocausto*, p.14.

⁴ *Ibid.*, p. 28.

era composta por um *Führer* e quatro grupos hierárquicos diferentes: burocracia ministerial, forças armadas, indústria e o partido. Segundo Raul Hilberg:

*“Cada nível hierárquico contribuiu para o processo de destruição não apenas com medidas, mas também com características administrativas. O serviço civil infundiu as outras unidades com seu planejamento firme e burocracia meticulosa. Do exército, o aparato de destruição adquiriu precisão militar, disciplina e frieza. A influência da indústria se fez sentir na ênfase dada à contabilidade, à economia de gastos e recuperação, além da eficiência quase fabril dos centros de extermínio. Finalmente, o partido ofereceu a todo o aparato um ‘idealismo’, um senso de ‘missão’ e uma noção de ‘fazer história’. Assim, as quatro burocracias se fundiram não apenas em ação, mas também em pensamento.”*⁵

O aparato burocrático, apesar de estar envolvido com o assassinato em massa de milhões de pessoas, preocupava-se apenas em executar seus procedimentos internos corretamente e obedecer às leis. O extermínio em massa dependia de especializações bem definidas e disponíveis, assim como de práticas de uma divisão do trabalho certa, exatamente como em um escritório administrativo qualquer.

Pensar nos perpetradores do evento nos traz mais incompreensão. Mais uma vez, enxergá-los sob a luz da maldade não ajuda a ver a importância do Holocausto. Diferente desta imagem popular, os nazistas que executavam a máquina burocrática e o aparato industrial de morte eram pessoas normais, muitos com escolaridade, cumprindo ordens. Olhar para esses personagens nos faz questionar o significado da Civilização Ocidental, pois o Holocausto foi um crime humano, cometido por humanos, baseado em ideologias humanas, por processos humanos e modernos, que visavam o “bem”. Cito Hilberg:

*“O perpetrador alemão não é um tipo diferente de alemão. O que pode ser dito sobre sua moral aplica-se à Alemanha como um todo, (...) Qualquer membro da Polícia de Ordem podia ser guarda em um gueto; qualquer advogado do Gabinete Central de Segurança do Reich era presumivelmente adequado para o serviço em uma unidade móvel de extermínio (...). Em outras palavras, todas as operações necessárias eram realizadas com qualquer pessoa que estivesse disponível. Entretanto, pode-se traçar uma linha de participação ativa; a máquina de destruição era um notável corte transversal da população alemã. Todas as profissões, habilidades e status sociais estavam nela representados.”*⁶

⁵ HILBERG, R. *A Destruição dos Judeus Europeus*, p. 65.

⁶ *Ibid.*, p. 1258.

A burocracia por trás do funcionamento do aparato assassino facilitou a isenção moral de muitos perpetradores. Por terem um papel mínimo no mecanismo de morte, executando alguma tarefa de escritório, esses burocratas não viam o resultado final e não associavam seu papel às últimas consequências. Esse burocrata que apenas “cumpre ordens”, que não faz uma avaliação moral de seu trabalho e não enxerga o real alcance daquilo que executa ficou representado por Eichmann e sua defesa em seu julgamento em Israel, em 1961.⁷ O nazista alegava que “estava apenas cumprindo ordens”.

Apesar de ser aquilo que Bauman chama de acontecimento histórico fundamental⁸, o Holocausto - distintivamente da Revolução Francesa, Revolução Industrial e outros – não modificou o curso da história que se seguia, nem a auto percepção humana e seus valores morais. O impacto visível causado foi ínfimo, pouco mudou. Ele não deveria ser um assunto estritamente acadêmico, mas tornou-se, pois, para conhecer o significado do Holocausto é necessário estudá-lo. Depois dele a sociedade ocidental continuou vivendo da mesma forma, e os fatores e aparatos do evento continuam sendo percebidos como incomuns e não como inerentes ao nosso modo de vida e visão de mundo.

As condições que possibilitaram a ocorrência do Holocausto não foram erradicadas e, em um ambiente propício, podem tornar-se novamente um monstro da Humanidade. Tanto a ideologia quanto o sistema burocrático e o sistema fabril continuam vivos e intactos, a estrutura estatal também continua a mesma, o Estado continua tendo controle sobre aqueles que dele fazem parte e continua tendo acesso aos mecanismos que são responsáveis pelo acontecimento do evento. A sociedade o tornou viável e pior, não pode evitá-lo. É preciso olhar para o Holocausto para que se proteja do próprio mundo. Valores humanistas são fundamentais para salvaguardar o mundo das consequências do preconceito, do racismo e dos estereótipos que estão vivos em todas as sociedades:

“O Holocausto não só, misteriosamente, evitou o choque com as normas e instituições sociais da modernidade, mas foram essas normas e instituições que o

⁷ Adolf Eichmann foi um tenente-coronel do Terceiro Reich, responsável pela organização logística das deportações dos guetos para os campos de extermínio. Foi capturado na Argentina no pós-guerra pelo Mossad e julgado em corte israelense por crimes contra o povo judeu.

⁸ BAUMAN, Z., *Modernidade e Holocausto*, p. 108.

tornaram factível. Sem a civilização moderna e suas conquistas mais fundamentais, não teria havido o Holocausto”⁹

1.2: Negação – o que eles negam?

Considerando o Holocausto uma tragédia da civilização ocidental moderna, o Negacionismo, ao distorcer fatos e esvaziar a real importância do evento, representa um ataque às pedras angulares da historiografia: conhecimento e memória. Negacionistas utilizam os mesmos argumentos há anos e camuflam seu antisemitismo com sua máscara acadêmica e seu auto proclamado “revisãoismo”.

A escolha desta autodenominação é um sinal de distorção em sua tentativa de parecer História, considerando que, para os historiadores, o termo Revisãoismo tem um significado particular e legítimo. Remete à polêmica linha acadêmica defensora do argumento de que a Alemanha foi injustamente responsabilizada pela 1ª Guerra Mundial e que o Tratado de Versalhes foi um documento político equivocado.¹⁰ Utilizando essa definição, os negacionistas se entendem herdeiros de uma tradição historiográfica que reavalia o passado.

Os argumentos usados pelos negacionistas vão desde a relativização de acontecimentos como, por exemplo, entender que os crimes contra os judeus foram apenas sequelas da guerra; até a negação efetiva de fatos como a defesa de que câmaras de gás não existiram. Não obstante, a sua real intenção é provar que o Holocausto é um mito.

O Negacionismo começou com a relativização de alguns pontos e gradativamente passou para a negação efetiva de certos fatos importantes relacionados ao Holocausto. As relativizações incluem:

- O extermínio dos judeus foi um acontecimento relacionado à guerra;
- Acentuação dos crimes de guerra dos Aliados;
- Todos os crimes cometidos foram sequelas da guerra;
- A perseguição judaica era uma medida de defesa contra espões;
- Os crimes não são negados, mas minimizados em suas dimensões:

* os judeus exageram nos números para obter reparações financeiras dos alemães;

⁹ Ibid., p. 111.

¹⁰ LIPSTADT, D., *Denying the Holocaust: The growing assault on truth and memory*, p. 20.

- Os crimes não foram ordenados pela liderança nazista;
- O Holocausto foi produzido por um complô judaico internacional.

Além das relativizações, as publicações negacionistas traziam questionamentos tais quais:

- A culpa dos alemães pela guerra;
- A dimensão dos crimes cometidos por eles;
- A visão de que a 2ª Guerra Mundial foi imposta à Alemanha;
- Os crimes foram cometidos dos dois lados;
- O Tribunal de Nuremberg impôs os crimes aos alemães exclusivamente.

Esses questionamentos ilustram o porquê de eles se considerarem herdeiros da tradição revisionista pós- 1ª Guerra. Mais uma vez eles colocam a Alemanha como vítima das circunstâncias.

A partir da década de 1980, negações explícitas em relação ao Holocausto começaram a aparecer, até que, na década de 1990, a existência das câmaras de gás foi negada com a alegação de “prova científica”¹¹. Os principais pontos negados são:

- O número de pessoas assassinadas;
- As técnicas usadas para o extermínio;
- Os documentos e as figuras históricas apresentadas;
- Os locais dos campos de morte;
- A existência das câmaras de gás.

Um artigo publicado pelo *Institute for Historical Review* (IHR), no verão de 1991, ilustra alguns dos pontos citados acima. O título é *A Brief Introduction to Holocaust Revisionism*, e foi publicado na revista do Instituto e escrito por um autor referência entre os negacionistas, Arthur Butz¹².

¹¹ O Relatório Leuchter foi escrito por um químico que examinou pequenas pedações recolhidas dos escombros das câmaras de gás em Auschwitz e segundo o relatório, a quantidade de Zyklon B utilizadas nas câmaras era para matar piolhos e não pessoas. Falarei melhor a respeito do assunto mais adiante.

¹² Arthur Butz é professor de engenharia elétrica na Northwestern University, nos Estados Unidos. É autor da obra de grande referência dos negacionistas, *The Hoax of the Twentieth Century* (A Farsa do Século XX), onde defende que o Holocausto foi uma farsa inventada.

“Quando a Alemanha entrou em colapso, todos os tipos de defesa foram suspensas, e o tifo e outras doenças ficaram descontroladas nos campos, que alojavam essencialmente prisioneiros políticos, criminosos comuns, homossexuais, aqueles que se recusaram a lutar na guerra e judeus recrutados para trabalho forçado. Por isso, as cenas horríveis. As quais, no entanto, nada tiveram a ver com ‘exterminio’ ou qualquer política deliberada.”¹³

Os “revisionistas” compõem uma rede internacional que compartilha crenças racistas e tem ligações com grupos neonazistas e de supremacia branca. Eles têm um programa de publicações de livros e revistas¹⁴ e organizam simpósios e conferências. Analisando em termos metodológicos o material negacionista é possível encontrar alguns fatores que não correspondem aos métodos utilizados em pesquisas científicas. Dietfrid Krause¹⁵ definiu os pontos que devem ser questionados na metodologia negacionista. Serão eles demonstrados com exemplos das publicações do IHR.

A primeira objeção metodológica colocada por Krause diz respeito ao tratamento dado aos testemunhos, tanto das vítimas quanto dos perpetradores. A fala dos primeiros é sempre vista e descrita como mentirosa e exagerada e a dos segundos é julgada sem valor, pois foram obtidas via tortura.

Em um artigo intitulado “*Context and Perspective in the ‘Holocaust’ Controversy*”, publicado pelo IHR no inverno de 1982, Arthur Butz faz uso dessa estratégia no seguinte trecho:

“Nós não precisamos de ‘confissões’ ou ‘julgamentos’ para determinar que os bombardeios de Dresden e Hiroshima, ou as retaliações em Lídice, seguidas do assassinato de Heydrich, realmente aconteceram. Agora, a lenda do extermínio não reivindica alguns casos de homicídio, mas alega eventos continentais em sua dimensão geográfica; com duração de três anos em sua dimensão temporal e com milhões de mortos em sua quantidade de vítimas. Quão absurda, então, é a posição dos portadores da lenda, que, em última análise, irão tentar ‘provar’ esses dados baseando-se em ‘confissões’ arrancadas sob uma estrutura de histeria, censura,

¹³ BUTZ, A. R., *The Journal of Historical Review*, Volume 11, número 2, p. 251-254: “When Germany collapsed in chaos, then of course all such defenses ceased, and typhus and other diseases became rampant in the camps, which quartered mainly political prisoners, ordinary criminals, homosexuals, conscientious objectors and Jews conscripted for labor. Hence the horrible scenes, which however had nothing to do with ‘extermination’ or any deliberate policy”

¹⁴ Do qual o Institute for Historical Review faz parte. Falarei sobre mais adiante no capítulo 3.

¹⁵ KRAUSE-VILMAR, D., *Neonazismo, Negacionismo e Extremismo Político*, p. 107.

*intimidação e ilegalidade descarada que vem encobrendo este assunto por 35 anos.*¹⁶

Outro método duvidoso utilizado pelos negacionistas é a vitimização alemã em relação à 2ª Guerra Mundial. Muitas vezes a Alemanha é apresentada como vítima do conflito, forçada a entrar nele. Um trecho do artigo *The origins of the Second World War*, escrito por George Franz-Willing para o IHR ilustra:

*“Para o ambicioso Roosevelt, uma guerra em larga escala poderia ajudá-lo a resolver seus problemas domésticos ao absorver a massa de desempregados em um boom de armamento, (...). Ele favoreceu uma turbulência na Europa, e através de seu Embaixador, Anthony Biddle, ele influenciou o governo polonês a não negociar com a Alemanha. Quando em 1938, o povo alemão reconheceu seu direito de auto-determinação ao anexar a Áustria e os Sudetos ao território do Reich, de acordo com as decisões da Conferência de Munique de setembro de 1938, Roosevelt protestou contra a aceitação por parte das lideranças ocidentais, daquilo que era direito da Alemanha. O Tratado de Munique, envolvendo Alemanha, Grã-Bretanha, França e Itália, era a última decisão independente da Europa, sem a influência tanto dos Estados Unidos quanto da Rússia. Então, o presidente Roosevelt fez pressão para lideranças ocidentais e Polônia oferecerem uma dura resistência a Alemanha. Roosevelt e Stalin tinham os mesmos interesses na deflagração da guerra, cada um deles nutrindo seu próprio interesse em dominação mundial; Roosevelt como presidente de um governo mundial no formato das Nações Unidas, Stalin como ditador de um império comunista mundial”*¹⁷

A ideia de que a Alemanha foi vítima da guerra passa pretensa cientificidade e tira de contexto certos detalhes para utilizá-los como elementos-chave do argumento. A imposição da guerra aos alemães também é explicada por uma conspiração judaica contra Alemanha. Esse argumento negacionista baseia-se na ideia de que os judeus declararam guerra aos alemães. Segundo Krause¹⁸, os negacionistas embasam esse argumento numa capa do *Daily Express*, jornal sensacionalista britânico, publicada em março de 1933 com o título “A Judéia declara guerra à Alemanha”. O texto discorria sobre as reações e impressões de

¹⁶ BUTZ, A. R., *The Journal of Historical Review*, Volume 03, número 04, p. 251-254: “We do not need “confessions” or “trials” to determine that the bombings of Dresden and Hiroshima, or the reprisals at Lidice following Heydrich’s assassination, really took place. Now, the extermination legend does not claim a few instances of homicide, but alleges events continental in geographical scope, of three years in temporal scope, and of several million in scope of victims. How ludicrous, then, is the position of the bearers of the legend, who in the last analysis will attempt to “prove” such events on the basis of “confessions” delivered under the fabric of hysteria, censorship, intimidation, persecution and blatant illegality that has been shrouding this subject for 35 years.

¹⁷ WILLING, G. F., *The Journal of Historical Review*, Volume 07, número 01, p. 95-114.

¹⁸ KRAUSE-VILMAR, D., **Neonazismo, Negacionismo e Extremismo Político**, p: 108-110.

judeus britânicos e americanos a respeito da perseguição que judeus alemães vinham sofrendo na Alemanha.

A matéria do *Daily Express* é interpretada como “declaração de guerra” pelos negacionistas. Outra “declaração” de mesma natureza foi identificada pelos por eles em uma troca de correspondências entre Neville Chamberlain e o presidente da agência judaica para Palestina, Chaim Weizzman, datada de 29 de agosto de 1939. As declarações feitas nas cartas são tiradas de contexto e apresentadas de forma que pareça que os judeus se juntaram aos britânicos para declarar guerra à Alemanha. Krauser afirma que esse argumento é confuso. Se os judeus declarassem guerra ao povo alemão, estariam declarando guerra a si mesmos. “Judeus” são contrapostos aos alemães somente no imaginário ideal antisemita das Leis de Nuremberg.

A terceira objeção metodológica diz respeito à descontextualização de documentos e de fatos históricos. Os negacionistas fazem grandes investimentos empíricos para “provar” seu ponto. Eles produziram muito material relacionado à História e à Química que impressiona quem não entenda do assunto. A questão é que este material não documenta de maneira correta a realidade histórico-política na qual estão inseridos.

Uma tática cultivada na produção de documentos negacionistas é o detalhismo. Este dá a impressão de especialização. Os textos contêm páginas e páginas de assuntos pouca importância, como vestígios de cianeto nos escombros das câmaras de gás, ou detalhes técnicos como a forma como os crematórios foram construídos.

Ao se prenderem a estes pequenos detalhes, os negacionistas não mencionam que, na época da construção dessas instalações, a burocracia da SS já discutia e planejava a concretização de seus objetivos a nível de extermínio, usando o aparato detalhadamente investigado nos artigos negacionistas¹⁹.

Em um artigo do *Journal of Historical Review* (JHR) – o periódico do IHR - de 2001, intitulado “*A brief History of Forensic Examination of Auschwitz*” podemos constatar este detalhismo:

¹⁹ Ibid. p. 110.

“De fato, a exclusão do Prussian blue da detecção analítica tem como resultado pouquíssimos traços de cianeto nas câmaras de despiolhamento, pois os compostos de cianeto não-ferrosos não são muito estáveis e, portanto, dificilmente estarão presentes após 50 anos. O mesmo vale para todas as salas expostas ao cianeto de hidrogênio. Na verdade, valores próximos ao nível de detecção devem ser esperados. Geralmente são tão pouco confiáveis que uma interpretação leal é quase impossível. Portanto, pode-se esperar que a análise de amostras testadas com esse método fornecesse resultados semelhantes para quase todas as amostras de material com muitos anos de idade”²⁰

Outro aspecto metodológico que merece atenção é o fato de que as argumentações negacionistas têm como foco o campo de Auschwitz e o extermínio dos judeus em suas câmaras de gás. O periódico do IHR publicou, entre 1980 e 2002, 45 artigos que tratavam apenas do campo citado. Todos eles questionam a existência das câmaras de gás ou apresentam “provas” de que elas eram, na verdade, salas para matar piolhos.

As obras negacionistas exploram, exaustivamente, a negação dos assassinatos em massa e a existência das câmaras de gás, e abordam superficialmente os outros crimes cometidos pelos nazistas, como a perseguição dos judeus antes do início da Guerra; os crimes cometidos pelos comandos especiais durante a guerra; o assassinato de outros grupos de prisioneiros além dos judeus, como homossexuais, ciganos e testemunhas de Jeová; os crimes cometidos pela SS no final da guerra, pouco antes do território alemão ser ocupado pelos Aliados.

Esses crimes eram característicos da administração nazista na Alemanha e nos territórios ocupados. Ao constatar a existência deles, fica claro que os negacionistas têm interesse pontual no extermínio judaico pelas câmaras de gás, transparecendo o antissemitismo em sua pseudociência.

Um outro aspecto observável nos artigos e livros que negam o Holocausto é a utilização de uma linguagem de ódio e desprezo. Os graus de argumentação não são objetivos, e não são característicos daqueles que buscam fazer uma análise

²⁰ RUDOLF, G., *The Journal of Historical Review*, Volume 20, número 02, p. 03: *“In fact, the exclusion of Prussian blue from analytical detection must result in much lower cyanide traces for the delousing chambers, as non-iron cyanide compounds are not very stable and would therefore hardly be present after fifty years. The same is true for every room ever exposed to hydrogen cyanide. In fact, values close to the detection level must be expected. These are generally so unreliable that a proper interpretation is close to impossible. It can therefore be expected that the analysis of samples tested with such a method would deliver similar results for nearly every sampling of material that is many years old. Such an analysis would make it practically impossible to distinguish between rooms massively exposed to hydrogen cyanide and those which were not: all would have a cyanide residue of close to zero.”*

acadêmica com distanciamento. Em um artigo de Mark Weber sobre um livro de memórias de um sobrevivente do Holocausto, publicado em 1998, podemos compreender a afirmação acima:

“A reação dos acadêmicos judeus que pesquisam o Holocausto às novas revelações foi instrutiva, pois eles parecem mais preocupados com o impacto propagandístico do que com a verdade histórica. Seu principal arrependimento parece ser o de que a fraude foi detectada, e não perpetrada.

*Em um ensaio publicado em um importante jornal canadense (Ottawa Citizen, 18 de novembro de 1998), a escritora judia Judith Shulevitz argumentou de forma arrogante que não importa muito se *Fragments* é autêntico. Sua principal apreensão, aparentemente, é que a mentira não era mais habilidosa: ‘Não posso deixar de desejar que Wilkomirski-Doesseker [sic] tivesse sido mais sutil nos seus esforços de enganar e tivesse produzido a fraude magnífica que o mundo merece.’”²¹*

1.3: As fontes históricas

Como sabemos, pesquisas acadêmicas necessitam de uma fonte para serem feitas. O tema do Holocausto, muito embora tenha uma extensa historiografia, possui fontes escassas para pesquisa. A SS fez todo o possível, pouco antes do fim da guerra, para apagar os vestígios de seus crimes. O que abriu espaço para o Negacionismo se fortalecer, pois eles questionam: se não há fontes, como aconteceu?

O Holocausto possui quatro complexos de fontes que contém evidências suficientes de que o assassinato em massa ocorreu²²:

Primeiramente, o campo de Auschwitz necessitava de trabalhadores civis para fazer a manutenção das câmaras de gás e dos crematórios. Dentre a documentação que restou é possível encontrar as fichas destes trabalhadores que

²¹ WEBER, M., *The Journal of Historical Review*, volume 17, número 05, pp. 15-16: “*Reaction by Jewish Holocaust scholars to the new revelations has been instructive, because they seem more concerned about propagandistic impact than about historical truth. Their primary regret seems merely to be that the fraud has been detected, not that it was perpetrated. In an essay published in a major Canadian newspaper (Ottawa Citizen, Nov. 18, 1998), Jewish writer Judith Shulevitz arrogantly argued that it doesn't really matter much if *Fragments* is authentic. Her main misgiving, apparently, is that the deceit was not more adroit: "I can't help wishing Wilkomirski-Doesseker [sic] had been more subtle in his efforts at deception, and produced the magnificent fraud world literature deserves."*

²² KRAUSE-VILMAR, D., *Neonazismo, Negacionismo e Extremismo Político*. p. 114-119.

contém o tipo de serviço que eles estavam prestando no campo. Jean-Claude Pressac²³ publicou uma obra em que utilizou essas fichas de trabalho e concluiu uma ligação entre as câmaras de gás e os crematórios.

O segundo ponto a ser observado como fonte é a capacidade dos crematórios em Auschwitz. Os quatro crematórios existentes no campo são muito grandes e estima-se que tenham tido a capacidade de cremar até 4 mil cadáveres diariamente. Qual seria a necessidade de se ter quatro crematórios com essa capacidade? Apenas em um lugar que produzisse tal quantidade de mortos.

O terceiro aspecto considerável são os relatos de prisioneiros fugitivos de Auschwitz. Rudolf Vrba e Alfred Wetzler conseguiram fugir do campo e foram salvos pela resistência eslovaca. Ambos prestaram um depoimento de 32 páginas que ficou conhecido como “O Relatório Vrba-Wetzler”. Este documento fornecia dados precisos sobre a topografia e a estrutura de Auschwitz-Birkenau, assim como a existência e localização exata das câmaras de gás e crematórios. O relatório chegou aos Aliados em junho de 1944 e acarretou decisões políticas documentadas.

Segundo Krauser-Vilmar, baseando-se nestes depoimentos, o Almirante Horthys, administrador do Reich na Hungria, deteve as deportações de judeus do seu território para os campos de concentração em 9 de julho de 1944. Essa decisão salvou a vida de 250 mil judeus húngaros. É impossível acreditar que esta escolha, que enfrentava Hitler e o governo alemão, tenha sido tomada com base em relatos pouco confiáveis.

O quarto complexo de fontes é o conjunto de documentos internos da SS. Krauser-Vilmar faz referência à pesquisa de Sybille Steinbacher sobre estes documentos internos, e identifica que havia referências explícitas ao extermínio dos judeus através do uso de expressões como “o elemento judeu foi evacuado ou eliminado”, ou declarações registradas como “o que está acontecendo nos campos de concentração de Auschwitz vai cobrar seu tributo um dia. Afinal, os judeus também são seres humanos. O assassinato destes judeus jamais poderá ser justificado pelo nosso governo.”²⁴

1.4: A História do Negacionismo

²³ PRESSAC, Jean-Claude. **Os Crematórios de Auschwitz**. Lisboa: Editorial Notícias, 1993.

²⁴ KRAUSE-VILMAR, D., *Neonazismo, revisionismo e extremismo político*, p. 116.

Como já citado anteriormente, os negacionistas consideram-se herdeiros de uma tradição historiográfica americana, na qual alguns historiadores americanos, como Sidney B. Fay, professor da Smith College, através de pesquisas sérias e comprometidas com princípios de evidência comprovados, acreditavam que os alemães não buscaram o conflito na 1ª Guerra Mundial. Esses historiadores se auto denominavam Revisionistas, assim como os negacionistas. Apesar das diferenças metodológicas, estes últimos alegam que ambos os grupos buscavam uma versão alternativa para grandes eventos do século XX.

A pesquisa de Fay teve início em 1920 e três anos depois, a Smith College contratou um novo professor, Harry Elmer Barnes, que se associou ao revisionismo de Fay. Barnes é o “pai” do Negacionismo na América, um de seus primeiros defensores nos Estados Unidos e a única ligação entre revisionismo e negação do Holocausto.

“Os argumentos revisionistas foram uma escada perfeita para os negacionistas. Suas alegações sobre as contestações sem fundamento feitas pelo governo, o mau trato da Alemanha, relatos de atrocidades e a sua vontade de mudar a atitude pública eram muito tentadoras para serem ignoradas. Os negacionistas iriam sequestrar este movimento e usá-lo para seus próprios propósitos.”²⁵

A negação do Holocausto tem suas origens na França, na década de 1950. Foi lá em que apareceram os personagens que criaram as bases para a escola negacionista contemporânea: Paul Rassinier e Robert Faurisson. Embora eles não fizessem parte de um grupo grande, suas táticas e argumentos, são, desde então, elementos integrais da negação contemporânea. Eles também não fizeram muito esforço para disfarçar seu antissemitismo.

Paul Rassinier foi professor de História e Geografia em um liceu no norte da França, durante a década de 1920 e teve sua obra negacionista baseada na ideologia de Maurice Bardèche, autor da extrema-direita francesa no Pós-Guerra.²⁶ Antes de tornar-se referência no Negacionismo, Rassinier foi militante ultrapacifista antes e durante a 2ª Guerra Mundial. Também, ao longo da guerra, foi redator do jornal *Le Rouge et le Bleu*, onde defendia uma resistência não armada à

²⁵ LIPSTADT, D. *Denying the Holocaust: The Growing Assault on Truth and Memory*, p. 37.

²⁶ MILLMAN, L., *Neonazismo, revisionismo e extremismo político*, p. 128.

Ocupação. Foi preso pela GESTAPO em abril de 1944 e enviado para o campo de Buchenwald e, depois, para Dora-Nordhausen.

Após a guerra publicou seu primeiro livro, *Passage de la ligne*, em 1948, onde descreveu os sofrimentos vividos no campo de Dora. Seu segundo livro, *Le mensonge de Ulisses*, foi publicado em 1951 e abordava pacifismo, ódio ao comunismo e a ideia de que a Guerra ocorreu devido um complô judaico internacional.

Esta ideia de complô judaico tem suas raízes na aproximação de Rassinier com Maurice Bardèche a partir de 1949. O professor de literatura e crítico literário apresentou Rassinier ao círculo de lideranças nazistas do Pós-Guerra e foi um dos pioneiros das ideias negacionistas. Ele foi um fundamental articulador no reagrupamento de militantes e teóricos de extrema-direita após o fim da guerra.

Dois anos antes, Maurice Bardèche publicou seu livro “Nuremberg da Terra Prometida”, onde alegava que, pelo menos uma porção das evidências relacionadas aos campos de concentração havia sido falsificada, e que as mortes ocorridas lá estavam ligadas à privações da guerra, como fome e doenças.

Segundo ele, desde o fim da guerra o mundo vem sendo enganado pela História, pois os documentos nazistas referentes à “solução final do problema judaico” faziam atribuição à transferência dos judeus aos guetos do Leste.²⁷ Foi Bardèche o primeiro a defender que as evidências visuais e documentais do processo de assassinato em massa eram, na verdade, falsificadas.

O reagrupamento resultou num movimento de extrema-direita, o qual buscou realinhar o pensamento fascista das décadas de 1920 e 1930 ao novo quadro sócio-político apresentado pela Guerra Fria. Este grupo simpatizava com o nazismo no sentido de que se mostrava antissemita e identificava as oligarquias capitalistas ao judaísmo internacional.²⁸

A partir de 1951, ano de seu segundo livro, Rassinier começou a se corresponder com Johann von Leers²⁹, homem de confiança de Goebbels no Ministério da Propaganda nazista. Com esses contatos do pós-Guerra, Rassinier

²⁷ LISPTADT, D., *Denying the Holocaust: The Growing Assault on Truth and Memory*, p. 50.

²⁸ MILLMAN, L., *Neonazismo, revisionismo e extremismo político*, p. 131.

²⁹ Von Leers fora condenado em Nuremberg a 18 meses de prisão. Depois, emigrou para Argentina, onde fundou a revista *Der Weg*, seguindo a linha nacional-socialista e, mais tarde, foi para o Egito, onde converteu-se ao Islamismo e tornou-se chefe do Ministério da Propaganda do governo de Nasser.

passou, a partir de 1963, a escrever livros antissemitas e a publicá-los pela editora de Bardèche.

Pouco tempo depois, a partir da década de 1970, o próprio Negacionismo ganha uma nova função, mais do que acusações de parcialidade e revanchismo em relação aos julgamentos de Nuremberg: “*O Negacionismo passa, a partir dos anos 70, a ser o elemento central de uma estratégia que se destina a criar condições para recomposição ideológica de grupos nazistas.*”³⁰

Desde então, o Negacionismo começou a crescer de tamanho e em intensidade. Segundo Deborah Lipstadt, parte deste sucesso se deve a um clima intelectual que marcou também as duas décadas seguintes. A autora alega que eles se ocuparam do ramo em um momento que a História parecia estar disponível a quem a quisesse e os ataques a tradição racionalista ocidental pareciam lugar-comum. Isto veio de correntes intelectuais emergidas a partir do final da década de 1960. Muitos acadêmicos começaram a argumentar que os textos não tinham um sentido fixo. A interpretação do leitor, não a intenção do autor, que determinavam o sentido do texto.³¹

Lipstadt defende que, como metodologia, esta abordagem de textos nos diz algo. Ela coloca uma ênfase muito importante no papel da perspectiva do leitor como responsável pelo sentido da mensagem. Em sua forma mais radical, este tratamento não permite que a experiência apareça como base ou fundamento, ela é mediada pela pessoa que lê. Ou seja, a desconstrução que esta abordagem propõe é a de que a experiência é relativa, e cria uma atmosfera de permissionismo em relação ao questionamento do significado de eventos históricos.³²

É neste novo contexto que Robert Faurisson aparece. Professor de literatura da Universidade de Lyon, em dezembro de 1978, numa França que discutia publicamente o colaboracionismo da época da ocupação nazista, Faurisson publica no jornal *Le Monde* um artigo intitulado “O Problema das Câmaras de Gás”³³, o qual ganhou muita atenção da imprensa. Acompanhando isto, a extrema-direita francesa viu em Faurisson uma forma de resistência à opinião pública do país relacionada ao colaboracionismo e o governo de Vichy.

³⁰ Ibid. p. 132.

³¹ LIPSTADT, D. *Denying the Holocaust: The Growing Assault on Truth and Memory*, p. 17.

³² Ibid. p. 18.

³³ MILLMAN, L. *Neonazismo, revisionismo e extremismo político*, p: 132.

Tanto Faurisson quanto Rassinier, haviam sido acolhidos também pela extrema-esquerda francesa que, a partir de década de 1970, rompeu com o trotskismo:

“A disputa criada na França em torno do negacionismo tem, portanto, a particularidade de ter sido pautada pela recepção positiva de Rassinier e Faurisson por um esquerdismo sectário que passava por um processo de quase extinção no final dos anos 70, mas que encontrou, na negação do genocídio, a base do que pode ser chamado seu renascimento ideológico. Um fato, à primeira vista, incomum, na medida que quebrou a monotonia da identificação do negacionismo com discurso exclusivo de extrema-direita e, por consequência, veio a causar uma certa confusão acerca da natureza desse movimento.”³⁴

A livraria A Velha Toupeira era o centro desta esquerda negacionista em Paris.³⁵ Em 1978, depois de ter rompido com a esquerda francesa, a livraria reformulou-se como suporte do Negacionismo e protetora de Faurisson e Rassinier. É a Velha Toupeira quem realiza a eliminação conceitual do Holocausto como genocídio. Suas publicações descrevem as câmaras de gás como uma mentira inventada por oligarquias capitalistas que apoiam o Estado de Israel. Cito:

“Anti-soviética, antiburguesa, por fim antitrotskista, anti-sionista e intérprete autêntica da história revolucionária, a seita passaria a modelar, na vida e nas ideias de Paul Rassinier e Robert Faurisson, a sua guerra ideológica contra o capitalismo e o sionismo.”³⁶

No entanto, segundo Luis Millman, não podemos esquecer que o lugar do Negacionismo é na extrema-direita e que, a partir da década de 1970, as ideias de negação passaram a ser apoiadas por defensores do nazismo, europeus e americanos. De tal maneira que, em 1979, Faurisson participou do I Congresso Mundial Revisionista como personalidade convidada. O evento foi realizado pelo *Institute for Historical Review* e pelo *Liberty Lobby*, uma das mais tradicionais organizações americanas que pregam e defendem xenofobia, racismo e antissemitismo.

³⁴ Ibid. p. 135.

³⁵ Fundada em 1965 por Pierre Guillaume, a livraria era, a princípio, focada em literatura revolucionária. Em 1967, Guillaume se afastou das dissidências tradicionais do Partido Comunista, tornou a Velha Toupeira num grupo revolucionário independente e alinhou-se com grupos da ultra-esquerda francesa.

³⁶ Ibid. p. 136.

A indústria negacionista nos EUA se desenvolveu com força a partir da década de 1980, e está intimamente ligada a organizações de cunho supremacista branco. As ideias divulgadas por essas instituições são aquelas pensadas e criadas por Faurisson e Rassinier. Eles construíram a base para o desenvolvimento do Negacionismo no resto do mundo.

A segunda geração de negacionistas conta com pessoas como o inglês David Irving, o americano Arthur Butz e o francês Roger Garaudy. Todos eles publicaram obras que retomavam as teses de Faurisson e Rassinier.

David Irving publicou seu livro “A Guerra de Hiltler”, em 1977, e ganhou fama com isto. A ideia central da obra é aquela em que Hitler não teve culpa dos horrores cometidos pela Alemanha na Guerra. Cito:

“O livro é dedicado não a negar, mas a isentar Hitler de qualquer responsabilidade pelo extermínio, que o autor atribui principalmente a Heydrich e a Himmler. Não se trata, portanto, de um texto negacionista, embora suas motivações ideológicas sejam claramente hitleristas. Irving sustenta, neste livro, que matanças em massa haviam sido cometidas desordenadamente e obedecido a uma dinâmica independente, inteiramente desconhecida de Hitler, que não as teria aprovado.”³⁷

Em 1988, Irving finalmente aderiu ao Negacionismo explícito, quando publicou o Relatório Leuchter, um trabalho pretensamente científico feito por um engenheiro que alegava ser especialista em câmaras de gás, nos Estados Unidos. Este relatório foi financiado por um nazista canadense chamado Ernst Zundel, que foi julgado no Canadá pelo crime de racismo e utilizou o relatório em sua defesa. O conteúdo do relatório alega que os campos de Treblinka, Auschwitz e Sobibor não continham mecanismos suficientes para realizar assassinato em massa, e que eram utilizados, na verdade, para desinfetação sanitária.

Arthur Butz, professor de engenharia elétrica da Universidade de Northwestern, publicou, em 1976, a obra que se tornaria referência para os próximos autores negacionistas, inclusive David Irving: *The Hoax of the 20th Century*. Publicado pela *Noontide Press*, editora da *Liberty Lobby*. O livro apresenta o Holocausto como a grande farsa do século XX, uma propaganda inventada a favor dos sionistas.

³⁷ Ibid. p. 140.

Roger Gaurady apareceu quando foi testemunha de defesa no julgamento de Klaus Barbie³⁸. Ele sustentou que as deportações realizadas por Barbie não tinham como destino os campos de extermínio, já que estes não haviam existido, segundo ele. Em 1995, publicou um livro pela Velha Toupeira chamado “Os Mitos Fundadores da Política Israelense”, onde dizia revelar a origem oligarco-judaica do mito do Holocausto e seu papel fundamental na criação do Estado de Israel. Em 1999, Gaurady foi condenado pela Corte francesa pela publicação do livro. Além de ganhar fama com este acontecimento, tornou-se um mártir da causa negacionista.

Em suma, pode-se concluir que as teses de Irving são as teses de Faurisson, que, por sua vez, são as mesmas de Butz, Rassinier e Gaurady. Eles todos defendem que as câmaras de gás nunca existiram; o genocídio judaico nunca aconteceu; tanto as câmaras quanto o genocídio fazem parte de uma mesma mentira; esta, no que lhe concerne, é de origem sionista e foi responsável por uma grande fraude política, o Estado de Israel. As principais vítimas desta fraude são alemães e palestinos; o sucesso da mentira deve-se ao poder da mídia, que também priva da liberdade de expressão aqueles que a denunciam; os apoiadores da mentira distorcem o significado da pesquisa revisionista, eles chamam de “falsificação” o que é um compromisso com a verdade histórica.

“Esta é uma simula dos elementos do evangelho revisionista: o estilo edificante dos negacionistas referirem-se ao seu próprio empreendimento de pesquisa histórica – que não passa, em realidade, de simulação ideológica; a identificação das causas do sofrimento do povo palestino com as causas do sofrimento do povo alemão, ambos alegadamente vitimados pela tirania judaica, além da denúncia da perseguição que sofre a pretensa pesquisa histórica que desenvolvem.”³⁹

Embora a base de argumentos dos negacionistas seja a mesma, existem algumas diferenças entre a primeira geração e a segunda. Segundo Deborah Lisptadt, os primeiros não negavam que as câmaras de gás haviam sido usadas para matar judeus. Eles, na verdade, defendiam as atrocidades nazistas através de justificativas para seu antissemitismo. Para os mesmos, qualquer coisa que se tenha

³⁸ Oficial da SS nazista, Klaus Barbie tinha o apelido de “Carniceiro de Lyon” devido a brutalidade com que torturava seus prisioneiros; foi responsável pela morte de Jean Moulin, líder da Resistência Francesa. Ele era um dos responsáveis operacionais do Holocausto e foi o responsável pela deportação de mais de 4 mil judeus para campos de extermínio.

³⁹ MILLMAN, L. *Neonazismo, revisionismo e extremismo político*, p. 143.

feito com os judeus foi merecido pois estes eram O Inimigo da Alemanha. A segunda geração, por sua vez, começa a reconhecer a futilidade existente na tentativa de justificar o antissemitismo nazista. Eles viram que a prova do antissemitismo era muito clara. Foi com esta geração que as sutilezas negacionistas se sofisticaram e o movimento passou a “admitir” o antissemitismo nacional-socialista.

O grande perigo do Negacionismo reside, justamente, nestas sutilezas e na tentativa de mascarar sua real intenção ideológica. Autores como Irving e Butz foram apenas o princípio. Os Estados Unidos, com seu movimento de supremacia branco organizado e bem estabelecido tornaram-se referência para o Negacionismo internacional. Foi lá que o maior disseminador da mensagem Negacionista se desenvolveu em forma de instituto e aparência de academia séria compromissada com a pesquisa histórica: o *Institute for Historical Review*.

Capítulo 2

O Institute for Historical Review

O *Institute for Historical Review* (IHR) foi fundado em 1979, no estado da Califórnia, Estados Unidos. Este foi criado para que o Negacionismo saísse da zona do extremismo e migrasse para o âmbito acadêmico, onde ganharia respeitabilidade. Apesar de alegar o objetivo acima, ao analisarmos as publicações e perfil de pessoas intimamente ligadas à instituição, percebemos que o IHR prega o antissemitismo e o racismo, sutilmente.

Aparentemente envolvida em atividades acadêmicas como convenções e congressos, e fazendo uso de uma linguagem séria e erudita, a instituição publica e divulga material neonazista. O IHR define como seu interesse a busca para “reabilitar a verdade”. Através de análise de suas publicações fica claro que o instituto acredita em teorias da conspiração e se posiciona fortemente contra o Estado de Israel ao falar de política externa norte-americana.

“De acordo com o IHR, expor a verdade sobre o Holocausto também expõe o grupo secreto que controla a maior parte das forças armadas e política externa norte-americanas. Confiando em escopos antissemitas tradicionais, o IHR acusou a parte ‘mínima’ e ‘super-rica’ da população de não estar preocupada com o ‘estrago e a distorção’ causados na cultura como um todo. Este grupo controla a mídia e a utiliza para exibir o Holocausto como argumento principal para a ‘devoção canina da América para com o Estado ilegal de Israel.’”⁴⁰

A instituição insiste que seu objetivo é “revisar” toda a História da Humanidade, seus trabalhos, entretanto, são quase que exclusivamente temáticos do Holocausto e da 2ª Guerra Mundial. Eles alegam que este é o “período mais distorcido” da História e por isto, merece maior atenção.

⁴⁰ LIPSTADT, D. *Denying the Holocaust: The Growing Assault on Truth and Memory*, p. 143.

O IHR vem do mesmo berço do *Liberty Lobby*, uma fundação de extrema-direita muito bem estabelecida, que faz parte de uma rede antissemita que inclui jornais como o *American Mercury*, que à época da fundação do instituto era uma das maiores publicações antissemitas dos Estados Unidos; *Spotlight* e a editora *Noontide Press*, a qual edita todo material impresso do IHR. Tanto os jornais quanto a editora são conhecidos por suas publicações “anti”-Israel e por acreditarem em uma “conspiração sionista internacional”.

O fundador destas instituições, incluindo o IHR, chamava-se Willis Carto. Nascido em Indiana, em 1926; foi criado em Ohio e serviu às Forças Armadas americanas durante a 2ª Guerra Mundial. Graduou-se na *Denison University* e, até a década de 1950, não havia mostrado traços antissemitas, quando, em seu emprego de cobrador de dívidas de uma instituição financeira em São Francisco, trabalhou com judeus. Durante esta década, Carto se associou a inúmeros grupos de extrema-direita, incluindo a *John Birch Society*⁴¹, em 1955. Por causa de uma briga com o fundador do grupo, Robert Welch, Carto saiu da organização e, em 1958, criou um grupo patriota que mais tarde se tornaria o *Liberty Lobby*.

Segundo Deborah Lipstadt, durante a década de 1980, o faturamento do *Liberty Lobby* era de 4 milhões de dólares e o jornal antissemita e antissionista do grupo, o *Spotlight* tinha uma circulação maior que 330 mil exemplares.⁴² O *Liberty Lobby* é o início de uma grande rede editorial e organizacional responsável por manter o antissemitismo como movimento nos Estados Unidos.

No final da década de 1960, Carto foi co-fundador de uma nova organização que defendia o segregacionismo e fazia campanha presidencial para George Wallace. Devido uma briga com outro co-fundador, William Pierce, Willis Carto se retirou do grupo que, eventualmente, tornou-se a organização neonazista mais influente dos Estados Unidos, a *National Alliance*.

O fundador do IHR tem como base de sua filosofia política a obra de Francis Parker Yockey⁴³, “*Imperium – a filosofia da História e da Política*”, de 1948. Neste livro, o autor defende que o futuro da grandiosidade do Ocidente deveria seguir os

⁴¹ A *John Birch Society* é um grupo conservador de direita que faz pressão política nos Estados Unidos. É conhecido por ser anti-comunista e a favor do governo limitado e da liberdade pessoal.

⁴² *Ibid.*, p. 144.

⁴³ Yockey foi um advogado americano que apoiava as causas da extrema-direita em todo mundo e mantém-se como influência importante em muitos movimentos de supremacia branca. Era também um antissemita fervoroso.

passos daquilo que ele chama de “Revolução Alemã de 1933”. A dedicatória da obra é feita para Adolf Hitler e a ideia central do livro é a da construção de um império absoluto das nações arianas, unidas pelos princípios do Nacional-Socialismo. Na teoria de Yockey, as eleições acabariam por ser tornar antiquadas até que fossem extintas completamente. O mesmo argumentava que os judeus se uniriam para acabar com o Ocidente.

A *National Youth Alliance* (NYA) foi uma outra organização fundada por Willis Carto em 1968, que objetivava opor-se às drogas, envolvimento americano em guerras estrangeiras e “poder negro”. Nas reuniões da NYA, Carto falava de seu plano para trazer para dentro de seu raio de instituições o máximo de poder político possível, e buscava o apoio de lideranças de grupos conservadores.⁴⁴

Segundo Deborah Lipstadt, a visão política de Willis Carto pode ser resumida em três pontos:

*“desprezo e repulsa por judeus; a crença na necessidade de um governo absolutista para proteger a ‘herança racial’ dos Estados Unidos; e a convicção de que existe uma conspiração desenvolvida para causar um mal catastrófico ao mundo ocidental.”*⁴⁵

Os temas do nexos editorial de Carto são sempre os mesmos: o tratamento desonroso dos Aliados para com os nazistas; as maldades do Estado de Israel; a existência de uma conspiração executada por uma alta elite; e, no coração de todos os problemas americanos sérios, existem judeus manipulando as questões em benefício próprio.

Assim como o *American Mercury*, a newsletter do *Liberty Lobby – Liberty Letter*, e seu jornal, o *Spotlight* tratavam desses temas e viam conspirações em todo lugar. Apesar de que elas, geralmente, estivessem ligadas ao Estado de Israel. Um dos principais focos do *Spotlight* era expor a chamada “conspiração internacional de banqueiros ‘judeus-sionistas’”, sendo este grupo formado pela família Rockefeller, banqueiros em geral, a ONU, a *U.S. Federal Reserve Board* e os comunistas.⁴⁶

⁴⁴ Ibid. p. 149.

⁴⁵ Ibid. p. 145.

⁴⁶ LEVIN, B. *American Behavioral Scientist*, Volume 44, número 06, p. 1012.

Desde sua fundação, em 1975, o *Spotlight*, modificou um pouco os seus métodos. Deixou de fazer publicações descaradamente extremistas e antissemitas e passou a usar um tom mais suave, o mesmo que seria usado, mais tarde, nas publicações do IHR. Visando uma estratégia para aumentar sua circulação, o jornal passou a fazer uso de códigos “antissemitas-patrióticos”. Segundo Brian Levin, no final da década de 1990 e início dos anos 2000:

“O *Spotlight* tornou-se um veículo para um subconjunto periférico de milícias da extrema-direita intolerante que acham que a América foi corrompida por judeus e conspirações internacionais que visavam instituir um governo de um mundo único. O jornal apresenta, com frequência, anúncios envolvendo extremistas.”⁴⁷

A editora *Noontide Press* é mais um braço da rede de instituições criada por Carto. Ainda segundo Levin, a editora é a mais bem-sucedida dentre as que publicam material intolerante e extremista, seu catálogo inclui “Os Protocolos dos Sábios do Sião”; “Minha Luta”, de Adolf Hitler; e o tratado negacionista “*The Hoax of the Twentieth Century*”.⁴⁸

No catálogo da editora de 1992, Yockey é elogiado e descrito como um jovem americano brilhante que enxergou além da propaganda do Holocausto. Livros sobre “raça e cultura”, com um enfoque sobre os perigos da hereditariedade de uma integração racial, estão lá igualmente. A *Noontide Press* também editava um tablóide chamado *The White Student*, que tinha como público alvo estudantes universitários, e se prestava como “antídoto” para a lavagem cerebral feita por professores marxistas.

As publicações com temática antissemita, racista e extremista, independente do veículo que as faz circular, têm algo em comum: são todas parecidas e divulgam os mesmos argumentos. Para mais, trazem consigo um dado preocupante, fazem parte de uma rede, que até meados da década de 1990, estava intimamente conectada – tendo *American Mercury*, *Noontide Press* e IHR o mesmo endereço para correspondência - e tinha uma crescente fonte de fundos.

O periódico do IHR, *Journal of Historical Review* (JHR) começou a ser publicado em 1980 e continha artigos de nomes de peso do Negacionismo como

⁴⁷ Ibid. p. 1013.

⁴⁸ Ibid. p. 1014.

Robert Faurrison e Arthur Butz. Com o passar dos anos, outros negacionistas clássicos escreveram para a publicação, como Paul Rassinier e David Irving.

O atual diretor do IHR, Mark Weber também é autor de artigos polêmicos no periódico do instituto. Ele recebeu o título de Mestre em História pela Universidade de Indiana, em 1978, quando também tornou-se editor da revista da *National Alliance*, *National Vanguard*. Em 1979, já podia ser considerado um colaborador frequente do *Spotlight* e, nos anos seguintes começou a trabalhar efetivamente no IHR como editor de sua *newsletter*, membro do quadro editorial e participando ativamente das conferências anuais.

Em 1987, Weber presidiu o *Committee for Open Debate on the Holocaust*, o qual era conhecido por tentar comprar espaço em jornais universitários para anúncios negacionistas. Em 1992, foi nomeado editor do JHR e, mais tarde, foi nomeado diretor do instituto.

Em um de seus artigos, publicado no verão de 1981 no JHR, e intitulado “*The Civil War Concentration Camps*”, encontram-se as alegações de que a produção de relatórios falsos sobre prisioneiros da União em campos de concentração do Sul, durante a Guerra Civil Americana, estimulou o Norte a ordenar agressões abusivas aos seus prisioneiros em seus próprios campos. Segundo Lipstadt, a alusão de Weber a uma espécie de *Sonderbehandlung* – eufemismo usado pelos nazistas para falar daquilo que aconteceria com os judeus uma vez que eles fossem levados para os campos de extermínio no Leste – foi desenvolvida neste artigo para que o leitor faça uma ligação com o Holocausto.

Este texto é um exemplo da alegação do IHR de que eles são uma instituição que tem como objetivo a “revisão” de toda a História. Embora existam artigos que têm como tema outro que não seja o Holocausto, há sempre uma ligação com a sua verdadeira agenda política. A revista *Time* publicou em 1993 uma matéria sobre o instituto e denominou-o um “grupo de negação do Holocausto”. Ao descrever o periódico do grupo, o JHR, chamou de “*denial-oriented*” e “pseudo-intelectual”.⁴⁹

O diretor do IHR é um defensor da ideia de que “a guerra boa” é “a guerra desnecessária”. Essa concepção foi ecoada em uma palestra sua de 2008, intitulada “*The Good War – Myth of World War Two*”. Lá, ele usou como argumento a noção que une as duas grandes guerras em um grande conflito étnico e econômico que

⁴⁹ Ibid. p. 1014.

poderia ter sido evitado caso a Inglaterra tivesse deixado a Alemanha em paz; e onde há uma equivalência moral entre Aliados e Eixo, uma vez que, na eclosão e na continuidade da guerra, aqueles que mais precisaram não receberam ajuda dos que estavam envolvidos no conflito. Essa afirmativa ressoa o princípio negacionista de que a guerra é malvada, e nenhum dos lados pode reivindicar uma vantagem moral.

Weber também acredita que o conceito de que a 2ª Guerra Mundial é um conflito entre a liberdade e a tirania precisa ser revisada. Segundo ele, a realidade é que os Aliados, incluindo Inglaterra e URSS, eram as nações mais tirânicas e imperialistas da Terra. O diretor do IHR denomina como “mito” afirmar que durante a 2ª Guerra Mundial foi testemunhado o triunfo do Bem sobre o Mal, e alega que, na verdade, a bondade dos Aliados era indistinguível da maldade de seus rivais. Outro “mito” identificado por ele é a ideia de que os Aliados preveniram Hitler de conquistar o mundo, quando, na realidade, eram os Estados Unidos, Inglaterra e URSS que estavam numa disputa pelo planeta.⁵⁰

Em uma entrevista em 2008, concedida a Michael Shermer da revista *Skeptic*, ao ser questionado sobre o “declínio da civilização” e o que define o declínio do Ocidente, Weber respondeu:

“Primeira e principalmente, existe uma moda disgênica. (...) o nível de inteligência médio [das pessoas] vem caindo. Em todo lugar, os povos mais educados e cultos têm tido a menor quantidade de filhos. Música, arquitetura e arte estão em declínio. Há uma discordância geral na cultura”⁵¹

A entrevista segue com o diretor fazendo mais declarações:

“Uma sociedade saudável é coesa. (...) na etnicidade e na raça. (...) O Iraque, por exemplo, tem uma mesma religião, mas sua sociedade não é coesa. Eu digo, coesão genética e racial. (...) Os dinamarqueses são supostamente a população mais feliz do mundo. Certamente um fator chave relaciona-se com a coesão étnico-racial deles.”⁵²

⁵⁰ SHERMER, M., *Skeptic Magazine*, p. 45.

⁵¹ *Ibid.* p. 47.

⁵² *Ibid.* p. 47.

O entrevistador argumentou que os Estados Unidos são um país extremamente bem-sucedido, com uma sociedade racialmente diversa. Weber, então, lhe explicou que, o fator mais significativo da História e do legado americanos é que eles foram estabelecidos, enquanto nação, pelos europeus.

Seguindo um raciocínio contra-factual de um “e se?” relativo a 2ª Guerra, Weber especula sobre o que teria acontecido se a França e a Inglaterra não tivessem declarado guerra à Alemanha, e os países do Eixo tivessem obtido sucesso em anular as forças da URSS. A resposta do negacionista: haveria uma Pax Europa que seria culturalmente dinâmica, socialmente próspera, politicamente estável, tecnologicamente avançada e economicamente saudável. Cito sua fala:

“Uma Alemanha Nacional Socialista vitoriosa provavelmente teria levado adiante um programa de exploração espacial muito mais ambicioso do que aqueles desenvolvidos por Estados Unidos e URSS. Teria desenvolvido uma extensa rede continental de transporte e comunicação, uma política de meio-ambiente exemplar, um sistema de saúde abrangente e um meticuloso programa eugênico. E, o mais importante, a Europa teria permanecido europeia. Teria sido incrível.”⁵³

Pensando conjuntamente sobre as falas de Weber; os artigos e colaboradores do JHR; a ligação que existe entre o IHR e toda uma rede de publicações e organizações antissemita; e também o histórico de seu fundador Willis Carto, fica clara a agenda política que reside neste conjunto de fatores. É o que Deborah Lipstadt afirma, o Negacionismo não é apenas uma expressão do antissemitismo, mas um movimento que busca reabilitar os objetivos articulados pelo Nacional Socialismo alemão.

A 5ª Conferência Revisionista Internacional Anual aconteceu na cidade de Anaheim, na Califórnia, em 1983. O discurso mais importante do evento foi o de David Irving, mas a abertura da conferência foi feita por Willis Carto com uma retórica “reveladora”, onde declarou que o IHR e suas subsequentes atividades não

⁵³ Ibid. p.48.

eram parte de um processo acadêmico, mas parte de uma política estratégica para fabricar certas “verdades”, visando atingir objetivos extremistas políticos às custas de seus inimigos. Ele enxergava a História menos como uma disciplina acadêmica e mais como um meio político e econômico, usado por uma aliança maligna para escrever a História de uma maneira que promova seus próprios interesses:

“O fato é que todos os grandes eventos históricos em uma ‘chamada’ democracia são produzidos por uma aliança. Alianças são a própria maquinação e trama da política. Não existe nenhum outro grupo de pressão forte o suficiente para dominar os outros.”⁵⁴

A partir desta fala de Carto, é válido lembrar que no mesmo ano de 1983, foi criado por ele um outro grupo com pretensões políticas, um partido chamado *The Populist Party*. O mesmo também tinha um jornal, batizado com o nome de *Nationalist Times*, que contava com a divulgação de teorias da conspiração e textos intolerantes. Foi este partido que lançou, em 1988, a candidatura do conhecido líder da Klu Klux Kan, David Duke, à presidência dos Estados Unidos.

2.1: Negacionismo e escrita do passado

O IHR abriu mão de produzir publicações físicas e começou a usar apenas o seu site como forma de divulgação de sua *newsletter* e do JHR. Este é um fato preocupante, a internet tem abrangência mundial e é de fácil manipulação. É possível receber semanalmente a *newsletter* do instituto caso você cadastre o seu e-mail no site. Ela popularizou e democratizou o acesso à informação e ao conhecimento, mas também, facilitou a divulgação de materiais de natureza extremista, intolerante e racista.

O problema de uma pessoa leiga ter acesso ao material do site do IHR, por exemplo, é que por este ter uma máscara de Academia e ter meios de passar uma mensagem racista de forma sutil, é muito fácil qualquer pessoa comprar a ideia que eles “vendem”. Afinal, existem câmara de gás?

⁵⁴ Ibid. p. 1015.

Este não é a única questão com a divulgação de material desta natureza. A negação do Holocausto frauda o próprio ofício do historiador e fere um dos critérios fundamentais da escrita do passado: a verificabilidade, a qual valida as proposições apresentadas nas pesquisas acadêmicas.

A leitura do material negacionista, do ponto de vista do historiador, não é a leitura de um “passado”, mas sim daquele que o produz. Cito:

“O texto negacionista aparece como fonte primária para o trabalho do historiador em um sentido estrito: o material permite ter acesso não ao ‘passado’, mas àquele que o produz, que no caso específico desta investigação se confunde com o próprio objeto de pesquisa. A falsificação do passado bem como do caráter de seus materiais denuncia o olhar de quem os constrói.”⁵⁵

O texto negacionista tem uma agenda política e, segundo Luis Edmundo Moraes, não se pauta em teses, mas sim em proclamações e tenta dar plausibilidade a elas e divulga-las a um público que não tem meios de checar estas informações.

As narrativas sobre o passado são enraizadas em um estatuto da verdade, uma realidade histórica. O trabalho do historiador é o de desvendar essa realidade, e não de criá-la. Determina-se a validação da interpretação histórica por quão bem ela justifica os fatos. O Negacionismo pratica uma falsificação do passado através do rompimento com as regras da historiografia, como por exemplo, a manipulação de documentos através de citações de maneira parcial dos mesmos, o que transforma seu sentido original. Os artigos negacionistas podem ser considerados narrativas falsas sobre o passado que têm como intenção se afirmar como legítimas, mesmo que ditas “alternativas”. Aquilo que eles chamam de “interpretação” é, na verdade, uma invenção. Exemplo: a 2ª Guerra Mundial sem o extermínio nazista.

O Negacionismo descreve aquilo que Luis Edmundo Moraes denomina como “pseudo-passado”, um passado inventado, que além de ser uma percepção de mundo social é também a própria compreensão do mundo. A produção do “pseudo-passado” questiona dois aspectos pela disputa da memória coletiva: quem deve ser o porta-voz legítimo do passado e em que terreno a discussão sobre o passado deve ocorrer? São estes questionamentos trazidos por eles que põe à vista o projeto político por traz de seu trabalho, a reabilitação do Nacional Socialismo.

⁵⁵ MORAES, L. E. S., *XIII Encontro de História Anpuh-Rio*, p.7.

Pode-se dizer que a produção negacionista fraudula duplamente a História. Primeiro por produzir um “pseudo-passado” e depois por produzir uma “pseudo-história”, ou seja, ela burla as regras da produção historiográfica, rompendo com seus fundamentos e mantém só a aparência dela (linguagem, notas de rodapé, bibliografia).

Deborah Lipstadt atenta para o perigo dessa fraude dupla. Segundo a autora, apenas quando a sociedade, principalmente a parcela que está envolvida com a investigação intelectual, compreender a totalidade das intenções do Negacionismo é que a História não correrá o risco de ser remodelada para se encaixar numa variedade de causas perigosas e chama a atenção para o que a História responda não aos argumentos negacionistas em si, mas à enganação que eles pregam. A maneira como eles confundem e distorcem deve ser demonstrada para expor a ilusão de uma investigação racional que concebe uma visão intolerante e extremista. O passado, e mais ainda, nossa percepção sobre ele é que impactam a forma como respondemos às nossas questões contemporâneas.⁵⁶

Capítulo 3

Antissemitismo

O dicionário online de Português, Dicio oferece duas definições para “antissemitismo”, substantivo masculino que significa “*repúdio aos semitas, nomeadamente, aos judeus*” e “*movimento ou ideologia política contrária aos judeus; o antissemitismo, mais conhecido como perseguição aos judeus*”⁵⁷. Ambas as definições caminham juntas, o repúdio aos judeus transformou-se numa ideologia política, principalmente depois da criação do Estado de Israel.

Neste capítulo irei explicar o caminho e os elementos contemporâneos contidos no antissemitismo negacionista, assim como o imaginário antissemita perpetrado por uma visão de mundo católica.

3.1: Uma breve História do Antissemitismo

⁵⁶ LIPSTADT, D., *Denying the Holocaust: The Growing Assault on Truth and Memory*. p. 156.

⁵⁷ <https://www.dicio.com.br/antissemitismo/>

A tradição judaica define o antissemitismo como um preconceito inerente ao Ser Humano, ele sempre existiu em todos os lugares, independentemente de cultura, religião ou crise econômica; sempre esteve entrelaçado com a história do Povo Judeu. No artigo *The Antisemitic Imagination*, a diretora do Instituto Canadense para o Estudo do Antissemitismo (CISA), Catherine Chatterley, argumenta que esta interpretação a-histórica é incongruente e que o antissemitismo é produto da separação entre o Judaísmo e o Movimento Cristão do primeiro século⁵⁸.

Pelos quatrocentos anos seguintes, Judaísmo e Cristianismo não estariam mais juntos, de forma irrevogável. Mais tarde, a Igreja assumiria uma influência política, a partir do momento que se tornou a religião do Império. Desde então, a posição de controle do Cristianismo - primeiro sobre o Império e, mais tarde, sobre toda a Europa - levou a uma exclusão sistemática dos judeus, como grupo social da Europa como um todo; e de sua posição econômica de intermediários, ligados ao trabalho com dinheiro.

É dentro deste contexto que o tradicional estereótipo judaico ganhou vida.

Cito:

*“O que nós vemos na história do antissemitismo é uma mistura de estigmatização e ódio, que com o passar do tempo resulta na produção de um personagem composto por características extremamente negativas associadas com, e resultadas de, uma variedade de acusações anti-judaicas europeias, de teor tanto religioso quanto econômico.”*⁵⁹

O período da Alta Idade Média foi o tempo-espaço onde o imaginário antissemita nasceu e, especificamente, se tornou um fenômeno de massa. O imaginário Católico criou um personagem, “o Judeu”, que tinha como característica central a força e determinação para dominar o mundo e trazer caos total para a sociedade. Além de ser o assassino de Cristo, trabalhar contra a Igreja e ser o agiota, identificado com Judas Iscariotes. O “Judeu” é o imaginário antissemita e a caracterização do antissemitismo. Segundo Chatterley, a presença dele prova que estamos evidenciando o antissemitismo, e não uma hostilidade ou xenofobia.

⁵⁸ CHATERLEY, C. *Global Antisemitism: A Crisis of Modernity*, p. 77.

⁵⁹ *Ibid.*, p. 78: “what we see in the history of antisemitism is a compounding of stigmatization and hatred, which over time results in the production of a composite character that combines extremely negative characteristics associated with, and resulting from, a variety of European anti-Jewish religious and economic accusations.”

A doutrina cristã influencia fortemente o imaginário de preconceito contra o Povo Judeu. Durante o período Visigótico (séculos IV e V), um judaísmo clandestino cresceu na Espanha. O bispo de Sevilha, Izidoro, foi o responsável pela disseminação da ideologia de discriminação contra estes judeus. Sendo ele um dos mais ferozes antissemitas da Igreja, tentou denegrir o povo judeu através de ataques aos seus símbolos sagrados: a sinagoga e o Sabá judaico – algo que seria repetido no século XX, pelo regime Nazista. Segundo esta visão antissemita da Alta Idade Média, os judeus “fediam”, o que lhes atribuía uma deterioração tanto física quanto espiritual, em uma espécie de desumanização. O batismo não poderia ajudar porque, segundo o bispo de Sevilha, nada poderia mudar a natureza malvada deste povo.

Esta acusação de os judeus não serem humanos é um exemplo que ilustra como, desde o século IV, judeus eram vítimas de um tipo extremo de preconceito. Essas concepções, como veremos mais a frente, acompanharam o povo judeu na Europa até os dias atuais.

Os Visigodos foram os responsáveis pelo desenvolvimento da futura demonização dos judeus. A noção de que a conversão não tinha capacidade de muda-los, pois nada podia acabar com a sua natureza malvada, foi também adotada pela Inquisição que varreu a Península Ibérica.

Os judeus haviam vivido na Espanha e em Portugal por muitos séculos. Até que, no século XVI, foram considerados “estrangeiros”, quando D. João III, rei de Portugal, introduziu oficialmente o Tribunal do Santo Ofício no país, suspeitando que Novos Cristãos estavam, secretamente, seguindo a fé judaica. Segundo Anita Novinsky, professora do Departamento de História da USP, os judeus eram o único povo no mundo contra quem uma específica corte de justiça foi estabelecida e que é incalculável o tamanho das falsidades sobre eles espalhadas entre a população portuguesa.⁶⁰

Foi o clero católico o maior responsável pela doutrina de ódio para com os judeus. Doutrina esta que convenceu os portugueses a participar dos “espetáculos” da Fogueira, quando um Novo Cristão era sentenciado à morte e queimado vivo em praça pública. Com o passar do tempo, outros crimes foram objeto de julgamento

⁶⁰ NOVINSKY, A. W., *Global Antisemitism: A Crisis of Modernity*, p. 347.

da Santa Inquisição, como sodomia e bruxaria, mas o motivo que mais condenava era o do Judaísmo.

A caricatura do “Judeu” criada no período Visigótico apareceu novamente durante a época da Inquisição e seria mais uma vez retratada durante o século XX. Os judeus eram vistos como espiões e traidores; um grupo muito perigoso que causava muito mal pois seu objetivo principal era dominar o mundo. A mesma ideia que seria divulgada nos *Protocolos dos Sábios do Sião*, publicado em 1897, na Rússia Czarista e vendido ainda nos dias de hoje.

Este livro, que foi utilizado por Hitler para ilustrar as maquinações judaicas, é uma falsificação czarista que reforça as características do “Judeu” do Novo Testamento (tópico que será desenvolvido mais adiante): conspiracionista, cruel, poderoso, desonesto, imoral, egoísta, arrogante e, principalmente, visa dar um golpe na humanidade, em busca do controle do mundo. Assim como a imagem antissemita do passado da Idade Média, o “Judeu” dos *Protocolos* tem o interesse em se fazer inimigo do mundo e de qualquer religião universal.

O antissemitismo foi atualizado enquanto conceito depois do lançamento dos *Protocolos*. O livro trouxe à cena a teoria de que os judeus estariam tramando uma dominação do mundo. Criado pela polícia secreta russa, a obra contém vinte e quatro sessões que explicam os supostos planos secretos da liderança judaica para dominar o mundo.

Os *Protocolos* tiveram certo impacto social no início do século XX na Europa. Os apoiadores do governo do Czar, à época da Revolução Russa, acreditavam que os Bolcheviques atuavam em nome dos judeus e o livro era a “planta” de seu plano de dominação.

Na década de 1920, dois repórteres britânicos, que haviam morado na Rússia antes da Guerra, divulgaram a ideia central da obra no Reino Unido: a conspiração judaica. Juntos, eles publicaram dezoito artigos sobre o tema no jornal *Morning Post*.⁶¹ Uma versão do livro também foi publicada na Polônia, tradicional reduto do antissemitismo católico, em 1920. Um ano depois, foram editadas versões na Síria e Palestina, onde havia a ideia de que o estabelecimento de uma Estado Judaico seria um avanço em direção a “conspiração judaica internacional”.

⁶¹ Anti-Defamation League, p. 11.

O imaginário antissemita, assim como as medidas discriminatórias adotadas em relação aos judeus na Europa, não se transformou com o passar do tempo, mas sim se repetiram. Tanto os Visigodos, como a Inquisição e os Nazistas, disseminaram o mito do sangue puro, proibiram judeus de andar na rua depois de determinado horário e destruíram sinagogas, para citar alguns exemplos. Os *Protocolos*, por sua vez, ajudaram a fortalecer e perpetrar a imagem do “Judeu”.

Na Idade Média, as Leis Canônicas proibiam os judeus de: casar com cristãos; ter cargos públicos; empregar serviçais cristãos; ou andar nas ruas no dia da Páscoa. Os livros judaicos, como o Talmude, foram queimados e cristãos não podiam ser pacientes de médicos judeus. Todas estas medidas foram tomadas também no século XX, através das Leis de Nuremberg, em 1935, na Alemanha Nazista.

Outra prática retomada pelos nazistas foi estabelecida pela primeira vez no século XIII: a obrigação de judeus usarem um emblema identitário em suas roupas, assim como a proibição da construção de novas sinagogas. Em 1267, foram construídos guetos judaicos de ocupação compulsória e quase dois séculos depois, em 1434, os judeus foram proibidos de obter um diploma acadêmico.⁶² Essas são outras medidas que foram repetidas no Terceiro Reich.

A linguagem usada pela Igreja em seus documentos da época, e em seus Conselhos organizados, continha expressões como “judeu abominável” e “povo ímpio”, vistas também no período Nazista e ainda presentes nas demonstrações antissemitas dos dias atuais.

Novinsky cita em seu artigo, porém, algumas diferenças entre a Inquisição e o Nazismo, no sentido do tratamento disposto aos judeus enquanto “réus” e prisioneiros. Cito:

“As vítimas da Inquisição tinham um nome, e os julgamentos duravam por, relativamente, longos períodos. Por meses, ou até mesmo anos, o Cristão Novo era chamado diante da bancada inquisidora. Havia uma genealogia; ele tinha uma família. O processo tinha um número, mas o prisioneiro era um ser humano. Para os Nazistas, o Judeu não era humano, apenas um número em seu braço (...). O fim de sua vida era mais rápido, numa câmara de gás, comparado às horas na fogueira. A Inquisição punia uma doutrina, uma ideia, (...) um crime. Para os

⁶² NOVINSKY, A. W., *Global Antisemitism: A Crisis of Modernity*, p. 346.

*Nazistas, não havia crime específico (...), e todos eram culpados, pois todos eles contaminavam o solo, o corpo e a alma.*⁶³

As semelhanças na imagem e na prática do antissemitismo através do tempo, na Europa Ocidental, resultam de um imaginário congruente e bem estabelecido, que sobreviveu ao longo do tempo. Principalmente ao considerar que pouco mudou na imagem do “Judeu” que o antissemitismo contemporâneo carrega em si.

Esta observação dialoga com o artigo de Catherine Chatterley sobre o imaginário antissemita. A autora aponta um paradoxo na história do antissemitismo. O fenômeno em si não pode ser considerado trans-histórico. Ele é, primeiramente, criado e determinado pela história do Cristianismo e sua relação com o Judaísmo, e continua a evoluir, à medida que corresponde ao desenvolvimento histórico de uma determinada cultura e determinadas relações econômicas entre os diferentes grupos da Europa. Porém, ao mesmo tempo, as características básicas do estereótipo produzido por essa imaginação são, surpreendentemente, concisas e consistentes a ponto de sobreviverem o passar do tempo. Cito:

*“Independentemente da região europeia, denominação, língua, ou nacionalidade, as características do ‘Judeu’ são consistentes. Em outras palavras, nós vemos mudanças na articulação da percepção, com o passar do tempo, em contextos diferentes, mas não na percepção básica por si mesma. Esse continua sendo o caso, hoje, das formas contemporâneas de antissemitismo.*⁶⁴

Assim, a percepção judaica tradicional do antissemitismo como um fenômeno natural do ser humano não é real, como já citado. Foi a difusão mundial do Cristianismo e da cultura ocidental pelo imperialismo europeu que levou

⁶³ Ibid. p. 348: “The victims of the Inquisition had a name, and the trials lasted for relatively long periods. For months, or even years, the New Christian was called before the Inquisitorial panel. There was a genealogy; he had a Family. The process had a number, but the prisoner was a human being. For the Nazis, the Jew was not human, only a number on his arm and a label on his clothes. And the end of his life was faster, in the gas chambers, compared to the hours at the stake. The Inquisition was punishing a doctrine, an idea, (...) a crime. For the nazis there was no specific crime (...) and all were guilty, as they all contaminated the soil, the body, and the soul.”

⁶⁴ CHATTERLEY, C, *Global Antisemitism: A Crisis of Modernity*, p. 78: “Regardless of European region, denomination, language, or nationality, the characteristics of ‘the jew’ are consistente. In other words we see shifts in the articulation of perception over time in diferente contexts but not in the basic perception itself. This continues to be the case today with contemporary forms of antisemitism.”

consigo, implicitamente, a caricatura do “Judeu” e, por causa disso, introduziu o antissemitismo ao resto do mundo.

O antissemitismo está presente na cultura ocidental através das mais complexas formas, uma vez que o “Judeu” está entranhado no imaginário cristão. Apesar de, desde a segunda metade do século XX, o Ocidente ter se tornado uma região secularizada e multi-cultural, ele ainda se encontra mergulhado no imaginário, nas metáforas e nos símbolos cristãos. Sendo assim, partes da população demonstram suspeição, ressentimento e contínuo ódio pelos judeus.

O ponto central da história do Ocidente cristão é a Paixão de Cristo – entendido como o sofrimento de Cristo nas mãos dos judeus. Por muitos séculos, muitas gerações de europeus cristãos foram apresentadas aos judeus através desta história. Assim, o judeu da vida real ganha a personificação do “Judeu” caricatura; um composto de características negativas que tem a identidade judaica, enquanto que, Jesus, Maria e os Apóstolos são vistos como cristãos.

Os evangelhos descrevem o “Judeu” como conspiracionista; vingativo; cruel; arrogante; corrupto; criminoso e, acima de tudo, malvado. Estas características são o oposto daquelas identificadas no Cristão. Catherine Chatterley aponta para a interessante conclusão de que a relação dialética entre Cristianismo e Judaísmo, enraizada na teologia e caracterizada pela dualidade do Bem e do Mal, é a dinâmica central na formação da identidade cristã.⁶⁵ Os cristãos definem-se em oposição ao “Judeu”.

As características do “Judeu” continuam fortes, apesar da secularização do Ocidente entre os séculos XVIII e XIX, e da globalização cultural do século XXI, através da internet. O ponto de diferença é que o antissemitismo contemporâneo engloba novos elementos: o Sionismo e o Estado de Israel. Sendo este último a justificativa para o crescimento do antissemitismo no Oriente Médio. Cito:

“Na Conferência sobre Antissemitismo Global, organizada pela Associação Internacional para o Estudo do Antissemitismo, em Yale, eu assisti a um vídeo sobre a propaganda árabe contra os judeus, e eu pensei o quão inacreditável era aquilo, num mundo em transição como o nosso, 1300 anos após os Conselhos Cristãos da Idade Média, nós ainda ouvimos os mesmos conceitos difamatórios,

⁶⁵ Ibid. p. 79.

*as mesmas acusações, as mesmas mentiras, a mesma demonização, e até o mesmo vocabulário.*⁶⁶

3.2: O Estado de Israel, Sionismo e a Negação do Holocausto

Visto que a caricatura do “Judeu” foi sempre a mesma e que as medidas tomadas contra os judeus, ao longo da História, se repetiram, constata-se que o antissemitismo, enquanto movimento político, desenvolveu-se em diferentes circunstâncias históricas ao longo do tempo.

Apesar de ter uma essência cristã, o antissemitismo atuou como discriminação por diferentes motivos. Enquanto nas primeiras manifestações excluía-se os judeus por representarem a antítese do Cristão, no século XX, durante o período Nazista na Alemanha, o antissemitismo foi o ponto central de uma Ideologia de Raças, um movimento político que visava a dominação do mundo pela “raça” ariana e eliminação de todas aquelas consideradas impuras, sendo a mais perigosa, a “raça” judaica.

Após o Holocausto, dos 9,5 milhões de judeus que viviam na Europa até então⁶⁷, 6 milhões foram assassinados. Com a criação do Estado de Israel, pouco mais de 300 mil que sobreviveram refugiaram-se lá. O antissemitismo, então, ganha um novo elemento, Israel. A imagem do “Judeu” adquire um reforço com a criação de um Estado judaico. Esse é o antissemitismo proferido por árabes e negacionistas: o Estado de Israel foi criado pelo “Judeu” para que ele siga em frente com seu plano de “dominação mundial”, ou seja, tornou-se mais uma justificativa para legitimar a teoria da conspiração, nascida no século XIX, nos *Protocolos dos Sábios do Sião*. O preconceito foi atualizado.

⁶⁶ NOVINSKY, A. W. *Global Antisemitism: A Crisis of Modernity*, p. 349: “At the Conference on Global Antisemitism organized by the International Association for the Study of Antisemitism at Yale University (August, 23-25, 2010), I saw a vídeo about the Arab propaganda against the Jews, and I thought how unbelievable it was that, in a changing world like ours, 1,300 years after the Christian medieval councils, we still hear the repetition of the same defamatory concepts, the same accusations, the same lies, the same demonization, and even the same vocabular.”

⁶⁷ <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/map/european-jewish-population-distribution-ca-1933>

Segundo Robin Stoller⁶⁸, no artigo *Modern Capitalist Society, Competing Nation States, Antisemitism and Hatred of the Jewish States*, a percepção do Estado de Israel enquanto Estado Nação também alimentou sentimentos antissemitas. Embora o Ocidente esteja se tornando cada vez mais multi-cultural, o Estado-Nação - enquanto regulador - e o conceito de Nação - enquanto identidade - ainda são hegemônicos, e os judeus estão no meio do caminho, ainda servindo como bodes expiatórios. Os ataques e declarações antissemitas tornaram-se mais frequentes no século XXI, a maioria em Israel.

O autor determina que existem dois raciocínios para inclusão e exclusão de indivíduos nos Estados-Nação. São raciocínios ideológicos que legitimam os direitos do cidadão, a existência do Estado e a extensão de seu território. Há o que ele chama de conceito republicano, que se baseia no raciocínio de que todos os indivíduos vivendo em um determinado território são membros de uma Nação e assim, têm os direitos de cidadão; e há o conceito das genealogias, que se baseia em etnia, cultura ou religião.⁶⁹ E sob uma interpretação dominante, o indivíduo só pode ser parte de uma Nação.

Sob essas perspectivas, o antissemitismo pensa da seguinte forma: um judeu nascido em outro país, que não o Estado de Israel, seria leal a qual deles? Um judeu que se proclama como tal, por mais assimilado que esteja dentro da cultura ocidental, por exemplo, levanta dúvidas sobre sua lealdade para com seu país natal. Aos olhos antissemitas, todos os judeus são embaixadores israelenses e devem ser tratados como tal. Fora isso e por outro lado, a percepção de Israel enquanto Estado-Nação não está equalizada. Partindo do entendimento que um território corresponde a uma determinada Nação, a qual tem estado ali desde sempre, o Estado Judaico está numa região que pertence a outra nação, a palestina. Assim, é muitas vezes considerado ilegal e uma construção artificial por correntes antissemitas, como os negacionistas.

O Negacionismo é abertamente anti-Israel e anti-Sionista, e a ligação entre o “mito” do Holocausto com o Estado judaico é lógica, uma vez que, do ponto de vista deles, o primeiro justifica o segundo. De acordo com a interpretação dos

⁶⁸ Co-diretor do Instituto Internacional para Educação e Pesquisa sobre Antissemitismo (IIBSA), em Berlim.

⁶⁹ STOLLER, R. *Global Antisemitism: A Crisis of Modernity*, p. 135.

negacionistas, o Estado de Israel foi criado por judeus sionistas que depois criaram o “mito” da tragédia judaica para justificar a criação de um Estado próprio. Após terem sido quase destruídos pelos nazistas, os judeus ganharam seu próprio Estado. O Holocausto seria uma invenção israelense.

O Holocausto em si é mais um elemento adicionado a noção contemporânea de antissemitismo disseminada por negacionistas, tanto nos Estados Unidos, quanto, e principalmente, no Oriente Médio. Dina Porat, professora do Departamento de História Judaica da Universidade de Tel Aviv, explica em seu artigo *Holocaust Denial and the Image of the Jew, or: “They Boycott Auschwitz as a Israeli Product”* a visão distorcida do Holocausto como elemento que alimenta o antissemitismo e que continua permeada pela ideia do “Judeu”. Cito:

“Está se tornando cada vez mais claro que o Holocausto, que deveria ser uma fonte de empatia e compaixão pelos judeus, acentua mais e mais a imagem negativa do ‘Judeu’ e do Estado de Israel e estimula um antissemitismo pós-Holocausto. A imagem do Judeu, pré-Holocausto como um manipulador avarento e todo-poderoso foi um motivo crucial para o assassinato em massa dos judeus europeus. Hoje em dia, na era pós-Holocausto, o Judeu está sendo retratado de maneira não menos repulsiva, indicando que as mudanças nas circunstâncias políticas e sociais depois do Holocausto tornaram-se uma nova fonte de antissemitismo.”⁷⁰

À medida que o Holocausto faz cada vez mais parte da vida pública de Israel, a inventada conexão entre o evento e a criação do Estado se torna mais forte dentre os argumentos antissemitas contemporâneos. Negacionistas reiteram que se não fosse pelo Holocausto, não haveria necessidade de um Estado judaico, o que, segundo eles, seria reconhecido pelos próprios israelenses como a base moral da criação de Israel. Esse tipo de alegação mostra, de acordo com o Negacionismo, mais uma prova de que o Holocausto é uma invenção política usada como instrumento nas mãos dos judeus-sionistas para extorquir ganhos a nível nacional.

⁷⁰ PORAT, D. *Resurgent Antisemitism: Global Perspectives*. Bloomington, p. 472: “It is becoming increasingly clear that the Holocaust, which was to have been a source of empathy and compassion for the Jews, more and more enhances a negative image of the ‘Jew’ and of the Jewish State and fosters post-Holocaust antisemitism. The pre-Holocaust image of the Jew as an all-powerful, avaricious manipulator of power was a crucial motive for the mass murder of European Jewry. Nowadays, in the post-Holocaust era the Jew is being portrayed in a no less repulsive way, indicating that the changes in social and political circumstances after the Holocaust have become a new source of antisemitism.”

O Holocausto, porém, não criou o Estado de Israel. É válido lembrar que, durante a segunda metade do século XIX, o Movimento Sionista estabeleceu o primeiro assentamento judaico na região e, com o passar dos anos, construiu uma comunidade auto governável. Em 1947, a ONU votou pela fundação do Estado de Israel. Isto ocorreu, de fato, depois do Holocausto, mas não como sua causa direta. Considerações políticas, como a prevenção de uma futura influência americana na região, foram mais decisivas.

Os judeus-sionistas são, para os negacionistas, a personificação da tradicional caricatura do “Judeu”: ganancioso, egoísta, avarento, malvado e manipulador. Judeus-sionistas têm como objetivo a dominação mundial, a qual eles vão atingir através de uma conspiração, como já havia sido avisado pelos *Protocolos*, no século XIX. O Holocausto como fato destrói essa hermenêutica negacionista de que o evento foi uma invenção para justificar a criação do Estado de Israel, que, por sua vez, seria administrado por esses judeus poderosos, que também controlam a mídia e a política americanas. A imagem de um judeu como vítima de um genocídio destrói essa linha de pensamento.

Dina Porat conclui em seu artigo que o Negacionismo tem em sua agenda a manutenção desta imagem do “Judeu”, numa versão atualizada. O judeu enquanto figura suspeita mantém o antissemitismo vivo, argumento que dialoga com os artigos de Chatterley e Novinsky. Porém, Porat vai mais além e explica que, independentemente de o Holocausto ser negado de forma sutil ou direta, a imagem do “Judeu” não se altera, assim como a imagem do Estado Judaico, pois é dotado de atribuições judaicas⁷¹. Como o Bispo Izidoro havia proclamado em Sevilha, à época da Inquisição, as características do judeu estão no sangue e são inerentes a eles e o simples fato de serem Judeus já os torna criminosos. Essa máxima atravessou tempo e espaço e hoje, além de se reproduzir na imagem do “Judeu”, está no território oficial do povo.

Sendo assim, o imaginário antissemita transferiu as características da caricatura para o espaço físico, e é possível encontra-las nas publicações negacionistas que circulam desde a década de 1950. O ódio a Israel é um dos principais temas do *Spotlight*, por exemplo, que cultua a ideia dos *Protocolos* de uma conspiração judaica internacional.

⁷¹ Ibid. p. 479.

Tal maquinação também é um tema explorado no *American Mercury*, pelas diversas publicações da *Noontide Press* e pela obra de Yockey, “Imperium”. O IHR, com seu tom sutil, usa seu espaço editorial para acusar o Estado de Israel de manipulação da mídia e política externa americanas.

O Negacionismo precisa do Estado Judaico para se justificar, o entendimento do Holocausto como uma mentira inventada pelos sionistas para que seu Estado fosse fundado, e é um movimento organizado que coloca em prática esse novo antissemitismo, onde um Estado soberano herdou as características da caricatura cristã do “Judeu”.

A transferência do antissemitismo para o geopolítico, afirma o Negacionismo como um movimento extremista com agenda política. A incitação do ódio a um determinado grupo social pode trazer consequências políticas quando este grupo é percebido como um agente político.

A “conspiração judaica internacional” politizasse na medida em que ganha Israel como um elemento que justifica a teoria e alimenta as especulações que carrega em si.

O Negacionismo e o novo antissemitismo que ele carrega expandiu-se nas últimas décadas e ganhou um espaço considerável no Oriente Médio, onde é incitado por lideranças políticas como o ex-presidente do Irã, Mahmoud Ahmadinejad.

Conclusão

Para finalizar o trabalho, proponho uma análise e reflexão sobre a influência do Negacionismo nos círculos políticos atuais. Utilizando o artigo de Alvin H. Rosenfeld -professor da Universidade de Indiana e diretor do Instituto para Estudos sobre o Antissemitismo Contemporâneo – apresentarei um cenário político que sofre a influência citada acima, mais especificamente no Oriente Médio.

O artigo de Rosenberg, intitulado “*The End of the Holocaust and the Beginnings of a New Antisemitism*”, aborda o papel do novo antissemitismo no Oriente Médio. Este conceito pode se identificar com o antissemitismo contemporâneo que foi trabalhado no capítulo anterior, aquele que tem o Estado de Israel como alvo do ódio.

Nas últimas décadas, o ódio por judeus e por seu Estado vem crescendo de forma persistente. Este ódio traz consigo a negação do Holocausto em todas as suas formas, dentre elas: distorção e manipulações intelectuais, culturais e políticas.

Esses elementos tem o poder de neutralizar as dimensões morais de uma consciência histórica dos crimes nazistas contra os judeus, as quais foram explicadas no início do capítulo 1.

O fato é que o antissemitismo contemporâneo ultrapassou as fronteiras do Ocidente e tornou-se um fato da vida pública no Oriente. Dentro dos países do continente, incluindo o Irã, ações para conter o antissemitismo não parecem acontecer com frequência. Pelo contrário, segundo o autor, esses países formam o epicentro da circulação das mais violentas mentiras contra o Povo Judeu, onde existe uma forte oposição ao Estado de Israel. Acusações fervorosas, relacionadas aquele velho imaginário antissemita, são lugar comum nestes países e alegações antissemitas e negações do Holocausto tem tido cada vez mais espaço na política e na mídia árabes.⁷²

O antissemitismo contemporâneo assumiu sua forma particular na região, algumas manifestações negam os crimes dos nazistas, outras justificam os mesmos; há terceiras que acusam os israelenses de serem, eles mesmos, nazistas, por suas ações que levarão os palestinos a um destino se não igual, pior do que aquele enfrentado pelos judeus no Terceiro Reich.

Dentro deste espectro de ódio, a negação do Holocausto tem sido a mais intensa demonstração de antissemitismo. Gamal Nasser e Anwar Sadat, ex-presidentes do Egito; e Mahmoud Abbas, presidente do Estado da Palestina; são nomes que fazem parte da liderança política árabe e que defenderam o Negacionismo em algum momento de suas vidas.⁷³ Negar o Holocausto tem sido, há tempos, divulgado e propagado no mundo árabe, muito porque, tem um propósito utilitário.

A lógica negacionista de que o Holocausto foi criado pelos sionistas para justificar a criação do Estado de Israel é altamente considerada pelos árabes, uma vez que eles percebem o Sionismo como infundado historicamente e baseado em mitos históricos e distorções grotescas. Para eles, o Holocausto é a maior mentira que o Sionismo já inventou e surgiu da necessidade do estabelecimento do Estado Judaico. Portanto, a premissa por trás da negação do Holocausto é de que refutar a “mentira”, enfraquece o status internacional de Israel tanto quanto sua legitimidade.

⁷² ROSENFELD, A. H., *Resurgent Antisemitism: Global Perspectives*, p. 525.

⁷³ *Ibid.*, p. 526.

Uma forma particular de antissemitismo que se desenvolveu no Oriente Médio é aquele que sauda a Solução Final nazista como um exemplo a ser seguido. A jornalista egípcia, Fatima Abdullah Mahmoud escreveu um artigo para um jornal do país onde considerava o Holocausto uma “mentira e uma fraude”, em seguida ela escreve que teria reclamado com Hitler pessoalmente “Se ao menos ele tivesse conseguido para que então, o mundo respirasse com alívio sem o ódio e o pecado.”⁷⁴

Os livros “Minha Luta” e os “Protocolos dos Sábios do Sião” são populares no mundo árabe há muito tempo. Esses livros estimulam o desenvolvimento de um ódio violento aos judeus. Anwar al-Khatib, político palestino, proferiu, uma vez, um discurso onde aclamava Hitler e seu livro e se dizia grato por ter, através do livro, adquirido conhecimento sobre o “povo amaldiçoado”.

A maior figura pública árabe, que demonstra seu antissemitismo de forma passional é, o já mencionado, o ex-presidente do Irã, Mahmoud Ahmadinejad. Este consegue negar o Holocausto e saudá-lo ao mesmo tempo: ele zomba dos sofrimentos sofridos pelo povo judeu e duvida se os acontecimentos foram tão trágicos mesmo.

Lembrando que hoje, o Irã tem um sofisticado programa de armas nucleares, é preocupante ouvir um ex-presidente do país declarar sentenças de morte ao Estado de Israel, na época em que estava exercendo seu cargo. Ahmadinejad quer e crê que um dia “o regime sionista será varrido da Terra”.

As ideias negacionistas, divulgadas principalmente através da plataforma digital do IHR, uma vez que ele é a maior instituição organizada de Negacionismo no mundo, tem uma abrangência incalculável. Elas encontraram um solo fértil e confortável nos países árabes que circundam o Estado de Israel. Para alguns é irresistível pensar no resultado que daria a mistura entre Negacionismo, antissemitismo e bombas nucleares.

Utilizei o espaço da conclusão para trazer um exemplo do quão sério é disseminar mentiras acadêmicas e propagar e atualizar um ódio que nunca se extinguiu e que não extinguirá, mesmo que Israel deixe de existir. O antissemitismo é resiliente, resiste ao tempo, aos espaços e às mudanças de mentalidade; avanços

⁷⁴ Ibid., p. 527.

tecnológicos e novos conhecimentos não são o suficiente para erradicá-lo, pelo contrário, ele é capaz de usá-los a seu próprio favor.

Dialogando com a epígrafe do meu trabalho, encerro com uma reflexão sobre uma possível nova tragédia, um segundo Holocausto. Segundo Rosenfeld⁷⁵, as ameaças são reais e elas estão próximas de seu alvo. Ele cita em seu artigo uma entrevista de Claude Lanzmann concedida a um jornalista israelense, onde ele é indagado sobre um possível novo *Shoah*, sua resposta: “*De repente uma bomba nuclear poderia causar isso. (...) Tome cuidado. Se cuide. Abra seus olhos.*”⁷⁶

Referências Bibliográficas

ANTI-DEFAMATION LEAGUE, **The Resilience of Anti-semitism: The Lies of the Protocols of the Elders of Zion**. Nova York, 2010. Disponível em: <https://www.adl.org/education/educator-resources/lesson-plans/the-resilience-of-anti-semitism-the-lies-of-the-protocols>. Acessado em: 5 de maio de 2019.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Holocausto**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

⁷⁵ Ibid., p. 531.

⁷⁶ Ibid., p. 531: “*Perhaps a nuclear bomb could cause that. (...) Be cautious. Take care. Open your eyes.*”

¹BUTZ, Arthur R. A Brief Introduction to Holocaust Revisionism. In: **The Journal of Historical Review**, Newport Beach, Volume 11, número 2, p. 251-254, verão de 1991.

_____. Context and Perspective on the ‘Holocaust’ Controversy. In: **The Journal of Historical Review**, Newport Beach, Volume 03, número 04, pp. 251-254, inverno de 1982.

CASTRO, Ricardo Figueiredo de. O Negacionismo do Holocausto: Pseudo-História e História Pública. In: **Revista Resgate**, volume XXII, número 28, p. 5-12, jul/dez 2014.

_____. Extrema-Direita, Pseudohistória e Conspiracionismo: o caso do Negacionismo do Holocausto. In: **Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio: Saberes e Práticas**, jul/ago 2014. Disponível em: https://www.academia.edu/7982191/Extremadireita_pseudohist%C3%B3ria_e_conspiracionismo_o_caso_do_Negacionismo_do_Holocausto. Acessado em: 22 de abril de 2019.

CHATERLLEY, Catherine. The Antisemitic Imagination. In: **Global Antisemitism: A Crisis of Modernity**. Boston: Brill, 2013. p. 77-81.

HILBERG, Raul. **A Destruição dos Judeus Europeus**. Barueri: Amarilys, 2016.

KRAUSE-VILMAR, Dietfrid. A Negação dos Assassinatos em Massa do Nacional-Socialismo: Desafios para a Educação Política. In: **Neonazismo, Negacionismo e Extremismo Político**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2000. p. 103-121.

LEVIN, Brian. History as a Weapon: How Extremists Deny th Holocaust in North American. In: **American Behavioral Scientist**, Volume 44, número 06. San Bernardino, 2001. p. 1001-1031.

LIGHT, Caroline. Precarious Pasts and Jewish Collective Memory: “Trapped in History” in 2017 America. In: **Journal of Jewish Identities**, Volume 11, número 01, 2018.

LIPSTADT, Deborah. **Denying the Holocaust: The Growing Assault on Truth and Memory**. Nova York: Plume, 1994.

MILLMAN, Luis. Negacionismo: Gênese e Desenvolvimento do Extermínio Conceitual. In: **Neonazismo, Negacionismo e Extremismo Político**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2000. p. 123-161.

MORAES, Luis Edmundo de Souza. O Negacionismo e as Disputas de Memória: Reflexões sobre intelectuais de extrema-direita e a negação do Holocausto. In: **Anais do XIII Encontro de História Anpuh-Rio: Identidades**, Rio de Janeiro 2008. Disponível em:

http://encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1212957377_ARQUIVO_Artigo-ANPUH-2008.pdf. Acessado em: 01 de junho de 2019.

_____. O Negacionismo e o Problema da Legitimidade da Escrita sobre o Passado. In: **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**, São Paulo, 2011. Disponível em:

http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1312810501_ARQUIVO_ANPUH-2011-ARTIGO-Luis_Edmundo-Moraes.pdf. Acessado em: 01 de junho de 2019.

NOVINSKY, Anita Waingort. Two Thousand of Antisemitism: From the Canonical Laws to the Present Day. In: **Global Antisemitism: A Crisis of Modernity**. Boston: Brill, 2013. p. 345-349.

PORAT, Dina. Holocaust Denial and the Image of the Jew, or: “They Boycott Auschwitz as an Israeli Product”. In: **Resurgent Antisemitism: Global Perspectives**. Bloomington: Indiana University Press, 2013. p. 467-481.

PRESSAC, Jean-Claude. **Os Crematórios de Auschwitz: A Maquinaria do Assassínio em Massa**. Lisboa: Editorial Notícias, 1993.

ROSENFELD, Alvin H. The End of the Holocaust and the Beginnings of a New Antisemitism. In: **Resurgent Antisemitism: Global Perspectives**. Bloomington: Indiana University Press, 2013. p. 521-533.

RUDOLF, Germar. A Brief History of Forensic Examination of Auschwitz. In: **The Journal of Historical Review**, Newport Beach, Volume 20, número 02, p. 03, março/abril de 2001.

SHERMER, Michael. The New Revisionism: What if Hitler Won the War. In: **Skeptic Magazine**, Volume 14, número 03, 2008.

STOLLER, Robin. Modern Society, Competing Nation States, Antisemitism and Hatred of the Jewish State. In: **Global Antisemitism: A Crisis of Modernity**. Boston: Brill, 2013. p. 133-138.

WEBER, Mark. Holocaust Survivor Memoir Exposed as Fraud. In: **The Journal of Historical Review**, Newport Beach, volume 17, número 05, pp. 15-16, setembro/outubro 1998.

WILLING, Georg Franz-. The Origins of the Second World War. In: **The Journal of Historical Review**, Newport Beach, Volume 07, número 01, p. 95-114, primavera de 1986.